



Um olhar sobre as dinâmicas na Escola da Ponte: Práticas pedagógicas no currículo em geral e em específico na Educação Física

Dissertação apresentada com vista à obtenção do 2º ciclo em Treino Desportivo, especialização em Treino de Jovens, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018 de 16 de agosto.

Orientador: Professora Doutora Paula Batista

Sílvia Cristina da Silva Nogueira

Porto, julho de 2019

Ficha de Catalogação

Nogueira, S. (2019). Um olhar sobre as dinâmicas na Escola da Ponte: Práticas pedagógicas no currículo em geral e em específico na Educação Física. Dissertação de Mestrado em Treino Desportivo, especialização em Treino de Jovens, apresentada na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESCOLA DA PONTE, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, AUTONOMIA, DIFERENCIAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA.

*“Sonhar mais um sonho impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão”*

Dedicatórias e Agradecimentos

Dedico esta dissertação, em primeiro lugar, a Deus pela infinita misericórdia por me guiar em todos os meus caminhos e por me ajudar a ser persistente, ter força, e não me deixar desistir dos meus sonhos, diante das dificuldades encontradas. Ao meu marido, João Luiz e Karina, minha filha, pelo amor, e apoio incondicional. A Professora Doutora Paula Batista, que desde do início acreditou no projeto deste estudo, indo à Escola da Ponte comigo, sem ela o trabalho não aconteceria. A amiga brasileira Andrelisa, que fiz na Ponte, por ocasião do seu trabalho de doutorado, veio a Portugal conhecer a escola, foi uma grande aliada em todo o percurso da pesquisa. Ao amigo português Eduardo Couto, que fiz na Universidade e foi um grande companheiro na vida acadêmica e pessoal. A minha querida Fatinha, pelas palavras de estímulo em momentos conturbados na Universidade. Aos amigos brasileiros que fiz em terras portuguesas, que substituíram a família brasileira aqui, com afagos, palavras de carinho, ficarão para sempre em meu coração. Aos amigos do Brasil, que sempre enviam através das redes sociais mensagem de ânimo e encorajamento. À comunidade escolar da Ponte, toda a minha gratidão, pela acolhida e generosidade da recepção, por ter me deixado vê-la por dentro,

servindo-me de tantos dados, os quais foram imprescindíveis à construção desta dissertação. Em especial, à professora Ana Moreira, pela paciência em empenho em ajudar-me e ao professor Simão, pela simpatia, dedicação e disponibilidade na partilha dos seus documentos. A Dona Helena, que logo pela manhã, tão carinhosamente nos recebe nas dependências da escola. Ao querido professor José Pacheco, por estar sempre empenhado em compartilhar e auxiliar o estudo, respondendo os emails e enviando material de pesquisa sobre a Ponte, que foram de suma importância na realização do trabalho e também pelo projeto Fazer a Ponte, uma fonte riquíssima de práticas pedagógicas, inspiradoras a todos os educadores que acreditam numa escola de qualidade pública. A todos os educadores que lá estão que sustentam este projeto e que cotidianamente incentivam direta e indiretamente a criação de outras Pontes.

Índice Geral

Índice de Anexos	VII
Índice de Figuras	IX
Índice de Quadros	XI
Resumo	XIII
Abstract	XV
I – Introdução	1
II – Enquadramento teórico	5
1. Acerca da configuração escolar	7
1.1. A Escola moderna - contributo de Freinet.....	7
2. Trilhos para uma pedagogia da autonomia	8
2.1. A visão de Paulo Freire.....	8
2.2. O Contributo de Jean Piaget.....	10
3. A pedagogia da autonomia em contexto de prática desportiva	11
4. Um olhar sobre a Escolada Ponte	16
4.1. Enquadramento legislativo e funcional	16
4.2. Enquadramento das Práticas Pedagógicas	20
4.3. O currículo como é pensado?	22
4.4. Conhecimento e Aprendizagem na Ponte.....	23
4.5. Avaliação, uma prática mediadora de aprendizagem na Ponte	26
4.6. Orientadores Educativos.....	29
III – Metodologia.....	31
1. Participantes.....	33
2. Instrumentos de recolha de dados	34
3. Procedimentos de recolha	37
4. Procedimentos de análise	38
5. Considerações éticas	39
IV - Apresentação dos resultados	43
1. Organização do Trabalho Pedagógico na Escola da Ponte	43
2. Dinâmica do Trabalho	49

3. Perspetivas acerca da Educação Física.....	54
3.1. Professores de Educação Física	544
3.1.1. Do presente.....	54
3.1.2. Do passado.....	59
3.2. Alunos	655
3.2.1. Do presente.....	65
3.2.2. Do passado.....	70
3.3. O olhar da observadora	72
V. Discussão	744
1. As dinâmicas e as práticas pedagógicas.....	766
2. Impasses.....	799
3. Autonomia sinónimo de Motivação.....	80
4. O Fazer a Ponte e suas implicações nas aulas de Educação Física	81
VI. Considerações Finais	846
VII – Bibliografia	92
Anexos	XVII

Índice de Anexos

ANEXO I	XVII
ANEXO II	XIX
ANEXO III	XXXI

Índice de Figuras

Figura I - Escola da Ponte em Vila das Aves.....	XXXI
Figura II - Campo de futebol da Escola em Vila das Aves.....	XXXII

Índice de Quadros

Quadro 1- Quadro Sintetizado da Organização Pedagógica da Escola.....	23
Quadro 2 - Requisitos para os alunos passarem de um núcleo para o outro...	28
Quadro 3 - Autonomia nas aulas de Educação Física, perspectivas à partir da Literatura	Erro! Marcador não definido.

Resumo

Esta pesquisa é um estudo de caso e visou investigar as práticas pedagógicas da Escola da Ponte, designadamente os mecanismos de diferenciação, bem como as práticas de responsabilização e de autonomia dos alunos no currículo em geral e da área da Educação Física. Para isso adotou métodos qualitativos e teve como universo empírico o contexto de uma Escola Pública, especificamente a Escola da Ponte, situada no concelho de Santo Tirso, distrito do Porto, Portugal. O estudo visou analisar o projeto educativo *Fazer a Ponte*, conhecer o dia a dia desta escola, a sua proposta pedagógica e dinâmicas em geral e da Educação Física em particular. Além da análise documental e da observação não participante foram realizadas entrevistas semiestruturadas: ao idealizador do Projeto Fazer a Ponte, José Pacheco, à Coordenadora Pedagógica, aos Professores de Educação Física, a Ex-professores de Educação Física, a Alunos atuais e Ex-alunos. Os dados foram analisados tendo por base uma análise temática materializada em três grandes temas: organização do trabalho pedagógico; dinâmica do trabalho e práticas pedagógicas em Educação Física. Constatou-se que a literatura descreve uma escola real, com práticas pedagógicas e dinâmicas que vão de encontro ao que se lê e foi dado observar na escola. Os mecanismos de responsabilização, de autonomia e de diferenciação estão presentes no quotidiano escolar. O aluno surge como protagonista do seu aprender. As aulas de Educação Física decorrem num espaço de excelência, embora dividido com outra escola, Escola São Tomé de Negrelos, que, em parte, influencia o afastamento da disciplina da lógica de trabalho integrado no projeto Fazer da Ponte.

Palavras-chave: ESCOLA DA PONTE; PRÁTICAS PEDAGÓGICAS; AUTONOMIA; DIFERENCIAÇÃO; EDUCAÇÃO FÍSICA.

Abstract

This research is a case study and aimed to analyse the pedagogical practices of the *Ponte* School, specifically the mechanisms of differentiation, as well as the student's autonomy in curricular practices in general and in Physical Education. For this, it was adopted qualitative methods and had as empirical universe the context of a Public School, specifically the *Escola da Ponte*, located in the municipality of *Santo Tirso*, Porto district, Portugal. The study analyse the educational project *Fazer da Ponte*, the daily life of this school, is pedagogical proposal and dynamics in general and of Physical Education in particular. Beside the documentary analysis it was made non-participant observation and semi-structured interviews to the creator of the project, José Pacheco, the Pedagogical Coordinator, Physical Education Teachers (current and from the past), current Students and graduated students. The data were based on a thematic analysis materialized in three main themes: pedagogical work organization; work dynamics and Physical Education pedagogical practices. It was found that the literature describes a real school, with pedagogical and dynamic practices that show up what is was read and observed in school. The methods of responsibility, autonomy and differentiation are present in daily school. The students appear as the protagonists of their own learning. Physical Education classes take place in an excellence area, although divided with another school, *São Tomé de Negrelos* School, which, in part, influences its distance from the work logic integrated in the *Fazer a Ponte* project.

Key Words: ESCOLA DA PONTE, PEDAGOGICAL PRACTICES, AUTONOMY, DIFFERENTIATION, PHYSICAL EDUCATION,

I – Introdução

O presente estudo realiza-se no âmbito do 2º Ciclo em Treino Desportivo - Treino de Alto Rendimento e Treino de Jovens - da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, mais especificamente no ramo de Crianças e Jovens e realiza-se num contexto peculiar do âmbito escolar – A Escola da Ponte.

O interesse em realizar o estudo nesta instituição ancora-se na percepção que na Escola da Ponte as práticas pedagógicas são distintas e claramente centradas no aluno (Alves, 2012, p. 101). Na verdade, o enfoque desta escola é hoje uma tendência internacional e uma referência educacional no Brasil, pelo que, enquanto professora de Educação Física no Brasil, aceder ao conhecimento em profundidade das práticas pedagógicas neste contexto vislumbrou-se como um processo formativo de grande valor. Pois, como refere Pacheco (2014), os alunos elencam o que irão estudar e os professores estão disponíveis para os ajudar no percurso. Não há um professor para cada turma, nem uma distribuição de alunos por anos de escolaridade, existem grupos e subgrupos heterogéneos dentro de cada grupo. O espaço é partilhado, bem como os processos de aprendizagem que acontecem no coletivo, num processo de ensino mútuo. Em termos curriculares, a escola da Ponte, como escola pública que é, respeita os pressupostos do currículo nacional, contudo, a forma como o operacionaliza obedece a uma norma muito própria de apropriação e construção, em que a escola e os professores não são meros reprodutores do currículo, materializado no projeto 'Fazer a Ponte'. Neste entendimento, Sacristán (1998) refere que sem compreender o que se faz, a prática pedagógica é uma reprodução de hábitos e pressupostos dados, ou respostas que os professores dão a demandas ou ordens externas. Por sua vez, Alves (2012, p. 19) refere que na Escola da Ponte o currículo não existe em função do professor, é uma permanente referência do percurso de aprendizagem e de desenvolvimento do aluno e uma referência permanentemente apropriada pelo aluno. O aluno é, assim, o verdadeiro sujeito do currículo. Vasconcelos (2006) reforça esta perspetiva dizendo que o currículo está organizado para contemplar a pessoa, a partir de seu cotidiano, e

que a centralidade na pessoa implica reconhecer que a vida é agora; é certo que na tensão entre o passado (memória) e o futuro (projeto).

Múltiplos estudos têm sido realizados acerca da escola da Ponte e vários são aqueles que exploraram as práticas pedagógicas diferenciadas da Escola da Ponte (Vasconcelos, 2006), como foi o caso Honaiser (2016) que afirma que a Escola da Ponte utilizou o método Freinet como inspiração para os seus projetos. Também Santa Rosa (2008), sintetiza a importância de um projeto que efetivamente “sai do papel” e está comprometido com a aprendizagem dos alunos e não com exigências burocráticas do órgão governamental, que estão articulados a um discurso politicamente correto. O Projeto Fazer da Ponte, segundo Honaiser (2016), é um projeto semelhante ao projeto Escola do Povo, que existiu no Brasil no início do século XX, e que serve de base para o Movimento da Escola Moderna, que vigora até hoje por vários países, inclusive em Brasil e Portugal. Na realidade, a associação entre este método e as novas escolas não é direta, pois muitas escolas brasileiras que procuram desenvolver novas práticas inspiram-se na Escola da Ponte. Não obstante esta disseminação da escola da Ponte, não foram encontrados estudos que incorporassem a disciplina Educação Física. Face a este panorama, este estudo tem como objetivo investigar as práticas pedagógicas da Escola da Ponte, designadamente os mecanismos de diferenciação, bem como as práticas de responsabilização e de autonomia dos alunos no currículo em geral e da área da Educação Física.

Esperamos que analisar e descrever a realidade da Escola da Ponte, que representa a promoção de um modelo escolar distinto, com enfoque especial na disciplina de Educação Física, possa aportar informações relevantes que contribuam para a melhoria do ensino desta disciplina no Brasil.

Em termos de estrutura, a dissertação apresenta um quadro teórico breve, seguido de uma apresentação alargada e em detalhe do contexto (o caso) e da metodologia, para depois apresentar os resultados, interpretá-los e, finalmente, expor as principais conclusões.

II – Enquadramento teórico

1. Acerca da configuração escolar

A Escola Básica da Ponte é uma escola que tem seu reconhecimento a partir da sua especificidade no trato de um Projeto Educativo eficiente. Esta escola é capaz de agir responsavelmente num quadro de autonomia, validando, assim, um modelo organizacional de escola pública não convencional.

O Projeto Fazer a Ponte, tanto no que diz respeito aos princípios quanto às práticas, não deixa de ter um quadro teórico e conceitual com base em trabalhos de estudiosos do fenômeno educacional escolar e do desenvolvimento humano. Entre esses, incluem-se Célestin Freinet e os educadores que fazem parte do Movimento de Escola Moderna. As aproximações entre os princípios e alguns dos dispositivos pedagógicos da Escola da Ponte, com os presentes no trabalho de Freinet contribuem para entender o cotidiano da Ponte. Além dos dispositivos de Freinet, sendo a autonomia um pilar forte de sustentação deste projeto, emerge a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, um alicerce que permite compreender melhor a autonomia que a Ponte trata, que é a conquista do exercício pleno da cidadania, nomeadamente pelo espaço que dá aos alunos para resolver problemas, encorajando-os a refletir, a discutir e tomar decisões.

Por sua vez, Piaget com a sua perspectiva de desenvolvimento da criança e dos processos de aprendizagem, permite perceber melhor o trabalho da autonomia, neste contexto escolar peculiar, em que não há turmas, mas sim grupos de trabalho heterogêneos, dentro dos núcleos que se encontram.

1.1. A Escola moderna - contributo de Freinet

Celestin Freinet, (1896-1966) educador francês, perspectivava criar um sistema democrático de educação, centrado na criança, que é vista não como um ser isolado, mas fazendo parte da comunidade. Para ele, a escola tradicional era fechada, contrária à descoberta, ao interesse e ao prazer da criança e a escola nova também. Freinet criticava, principalmente, os modelos

Decroly (1871- 1932), que era um médico e educador belga, que acreditava que as crianças apreendem o mundo, com base numa visão do todo, e de Montessori (1870-1952), pesquisadora italiana, que considerava que a educação é uma conquista da criança, pois já nascemos com a capacidade de ensinar a nós mesmos, se nos forem dadas as condições. Freinet criticava-os porque este tinha como objetivo central desenvolver uma escola popular.

Em termos de proposta pedagógica, Freinet propôs o trabalho e o jogo como atividades fundamentais na escola. Freinet questionava as tarefas escolares (repetitivas e cansativas) opostas aos jogos (atividades mais prazerosas), apontando como essa dualidade na escola, reproduz a dicotomia trabalho/prazer, gerada pela sociedade capitalista industrial, propondo, assim, atividades mais divertidas na realização do trabalho escolar. Além disto, a pedagogia deste educador tem como atividade fundamental, as técnicas construídas com base na experimentação e documentação, que dão à criança instrumentos para aprofundar seu conhecimento e desenvolver sua ação. As técnicas Freinet não fazem sentido se vistas isoladamente, compartimentadas, estas devem ser vistas como uma coleção de estratégias e formas de ação que, em conjunto, permitem atingir o objetivo proposto. Cada uma das atividades tem sentido se desenvolvida a partir de uma concepção cooperativa de produção. Portanto, dar oportunidade ao aluno de experimentar sozinho, ser o sujeito do seu próprio conhecimento, portanto ser autônomo na busca do seu crescimento, com práticas pedagógicas agradáveis.

2. Trilhos para uma pedagogia da autonomia

2.1. A visão de Paulo Freire

O educador brasileiro mundialmente conhecido, Paulo Freire, desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político, defendendo a conscientização dos alunos através da educação.

O reconhecimento que somos seres condicionados, mas não determinados, era a base do seu pensamento. O autor está ligado às teorias críticas e pedagogias progressistas, como a libertadora e a da autonomia, tendo as bases no pensamento marxista. Neste quadro, Paulo Freire considerava que a prática tinha que valorizar o aluno, tanto por meio das relações afetivas, como das democráticas. Entre as finalidades que visava, o autor prestava atenção aos interesses da maioria oprimida, considerando que o professor deveria assumir a condução do processo de educação baseado em discussões, assembléias e em pesquisa participante, propondo temas sociais e políticos da realidade, a fim de superar as desigualdades encontradas na sociedade de classes Libâneo, (1985).

Freire (2000) apresenta elementos constitutivos para a compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana. Em favor da autonomia a questão da formação docente interligada à reflexão sobre a prática educativo-progressista, a qual envolve correção ética, formação científica, respeito aos outros, capacidade de conviver com o diferente e enfaticamente a coerência entre o que dizemos e fazemos. Assim, percebe-se que a autonomia passa pela cognição, pelo entender para não ser alienado e distante das decisões que definem o rumo da vida dos cidadãos. Para isso, é necessário haver uma compreensão histórica, a fim do cidadão se tornar autônomo e pleno, podendo decidir sobre os rumos da sociedade.

“Não é difícil compreender, assim, como uma de minhas tarefas centrais como educador progressista seja apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica” (Freire, 2000, p. 134).

Segundo Nóvoa (1999) há uma preocupação sobre a distância dos discursos com a prática pedagógica e formação docente, pois isto faz com que haja uma perda no sentido da reflexão do professor no seu trabalho. Para que se amenize este problema, procura-se um professor crítico e reflexivo, capaz de pensar a sua prática quotidiana, de forma a ficar melhor preparado para enfrentar os problemas e as contradições da realidade educacional. Este pensar na ação e sobre a ação, segundo Sacristán (1998), evita que se apliquem os mesmos esquemas e estratégias de ensino às situações e contextos divergentes. Esta prática torna-se essencial para melhorar a qualidade do ensino e da prática profissional docente, a qual não deixa de ser um processo de ação e reflexão cooperativa, entendendo a reflexão como uma imersão consciente e um repensar do homem no mundo de sua experiência, e supõe uma análise que orienta suas futuras ações. No caso da atividade profissional docente, esta possui algumas particularidades, como as realidades diferentes das escolas e dos alunos, complexas e mutantes de acordo com cada contexto que o professor está inserido. Neste sentido, é necessário que a prática educativa valorize o aluno, tanto por meio das relações afetivas como das democráticas. A pedagogia de Paulo Freire apresenta uma visão crítica do processo de ensino-aprendizagem, incluindo a emancipação política do aluno e a capacidade de transformar a realidade.

2.2. O Contributo de Jean Piaget

Jean Piaget (1896-1980) dedicou grande parte da sua vida a submeter à observação científica e rigorosa o processo de aquisição de conhecimento pelo ser humano, particularmente a criança, criando um campo de estudos denominado Epistemologia Genética, uma teoria de conhecimento centrada no desenvolvimento da criança. O autor constatou que os comportamentos contemplam o crescimento físico do sistema nervoso e endócrino e dependem do ambiente e da maturação. É no período das Operações Concretas, definido

por Piaget, entre os 7 e os 11-12 anos, que a criança inicia a construção da lógica e se coordena pontos de vistas diferentes. A criança vai adquirindo uma autonomia pessoal frente ao adulto, começa a coordenar pontos de vista diferentes, a cooperar e a trabalhar em grupos.

Para Piaget, usualmente, as regras morais são impostas pelos adultos às crianças, que as recebem já elaboradas e, quase sempre, de maneira a não respeitar suas necessidades e interesses. Desta forma, o autor sinaliza para a necessidade de se estimular o desenvolvimento da autonomia a partir do exercício da cooperação, com a tomada de decisões morais na convivência com regras e tendo por princípio o respeito ao grupo no qual se insere. Piaget explicita, referindo que este processo se intensifica por volta dos onze-doze anos de idade, quando a maturação psicológica e as experiências anteriores permitem à criança construir relações com outras pessoas a partir do diálogo e acordos mútuos, sendo decisivas as atitudes de coação (negativamente) ou cooperação (positivamente) dos agentes de convivência – sobretudo os adultos de significância afetiva na construção da autonomia.

Percebemos, portanto, que para o desenvolvimento da consciência e do respeito às regras existem duas manifestações de comportamento da criança, uma qualificada pelo estágio da coação (imposição do adulto, ou alguém mais velho), caracterizada pela heteronomia e a outra, da cooperação (consciência de normas ideais), caracterizada pela autonomia. Conforme explica Piaget (1994), somente a vivência da cooperação leva à autonomia, pois a criança deixa de acreditar e seguir cegamente as convicções do adulto e passa a analisar criticamente os fatos, estabelecendo relações de discussões tendendo para a tomada de decisão de consciência lógica das relações.

3. A pedagogia da autonomia em contexto de prática desportiva

O desporto é um fenómeno sociocultural que possui uma natureza educacional, mesmo nos ginásios, se receber um tratamento pedagógico adequado, pode contribuir de maneira significativa para a formação de uma cidadania ativa. Quando o indivíduo aprende um desporto, acredita-se que este trabalhosive a autonomia e a formação de cidadãos críticos. Portanto, uma das maneiras de contribuir para esta configuração da formação é proporcionar, através do processo de ensino, vivência e aprendizagem das modalidades desportivas, conteúdos centrados nos referenciais técnico-táticos e socioeducativos, que segundo Paes (2009), engloba aspetos técnicos, táticos, motores, físicos, bem como valores e modos de comportamento, respetivamente. O referencial socio educativo assume-se, assim, como uma proposta de valor acrescido para o ensino do Desporto.

De entre as novas abordagens, tendências e perspetivas, muitas são as propostas que contribuem com novos olhares para a área do Desporto, mas são poucas as que contribuem efetivamente com a prática educativa dos professores, ou seja, os estudos preocupados com as questões da Educação Física escolar cresceram bastante nas últimas décadas, mas uma percentagem muito baixa desses trabalhos conseguiram realmente auxiliar os professores no sentido de facilitar e otimizar seu trabalho (Darido, 2005). Autonomia é a capacidade de ser governado por si próprio e tomar decisões na convivência sociocultural tendo em consideração o respeito à coletividade (Kamii, 1995). Um dos princípios da Educação é a aquisição e o desenvolvimento da autonomia dos alunos aliados à conquista da cidadania plena, sendo que a componente curricular da Educação Física pode ter uma grande contribuição para este objetivo. O professor pode trabalhar o desenvolvimento da autonomia dos alunos e o incentivo, a auto-organização de cunho democrático por parte deles, atingindo assim a autonomia e a cidadania, bem como permitir a participação de todos.

A Educação visa possibilidades de transcender atitudes relativas ao cidadão autônomo e democrático para além dos conteúdos propostos nos contextos de aula, buscando relacioná-los com questões sociais, como por exemplo, o estímulo às participações políticas por meio de reivindicações para

o poder público de melhorias dos direitos de lazer, esporte e educação, todos estes relacionados com a Educação Física, tal como construções de centros esportivos, parques e escolas. Ou seja, o professor de Educação Física pode exercer este papel formando os alunos para serem os cidadãos autônomos e críticos capazes de se organizarem para exercerem a cidadania, além de cultivar a ideia da importância e conservação dos patrimônios públicos. O professor pode exercer estratégias de ensino que favoreçam a dependência de seus alunos, como centrar demasiadamente em si as decisões nas aulas, e muitas vezes, de forma inadequada - dando ordens, punições ou mesmo recompensas, criando um ambiente autoritário e coercitivo. O professor precisa de estar sempre atento diante de atitudes autoritárias e de exclusão que possa vir a exercer, procurando educar, por recurso a decisões e atitudes democráticas, ensinando a importância da participação de todos. Sendo assim, contribuirá para o desenvolvimento de cidadãos plenos e autônomos. Ser autônomo significa, portanto, estar apto a, cooperativamente, construir o sistema de regras morais e operatórias necessárias à manutenção de relações permeadas pelo respeito mútuo, ou seja, o ato de se governar a si mesmo não deve ser confundido com liberdade completa, pois um sujeito autônomo deve levar em consideração o melhor caminho para a resolução da ação, levando em consideração o outro. Como sintetiza Kamii (1995, p.108): “Não pode haver moralidade quando se considera apenas o ponto de vista próprio.” Neste entendimento, os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos com crianças e que objetivem a sua formação autônoma devem primar por estabelecer um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, onde a interação do professor com o aluno deve ser pautada na oportunidade de experimentar, criar, recriar, desafiar, relacionar-se, brincar, respeitar, criticar, discordar, resolver, envolvendo emoções e sentimentos. Esta premissa deve estar presente também em processos de ensino, vivência e aprendizagem esportiva que primem pela formação da pessoa humana, do cidadão.

As possibilidades de conteúdos a serem desenvolvidos pelos professores que trabalham de forma específica com o tema Esporte são amplas e variadas. Darido e Rangel (2005, p.65) ao revisarem Colletal e Zabala

(1998) e Libâneo (1985), afirmam que: “conteúdos de ensino são o conjunto conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e altitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida.” Complementam os autores referindo: (...) desta mesma forma, quando nos referimos a conteúdos, estamos englobando conceitos, ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognoscitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho, de lazer e de convivência social, valores, convicções e atitudes”. Face a este quadro, a ideia de que os conteúdos a serem ensinados na prática esportiva vão além dos técnico-táticos, englobando também os elementos socioeducativos, fica bem patente, fortalecendo a perspectiva da pedagogia do esporte (Paes, 2002; Galattiet al, 2008). A fim de garantir o respeito a estes dois referenciais, Darido e Rangel (2005) organizam os conteúdos em três dimensões é: (1) conceitual - relativo ao que se deve saber; (2) Procedimento - relacionado ao que se deve saber fazer; (3) Atitudinal – relativo ao como se deve ser. Neste enquadramento, o referencial socioeducativo, em que se inclui a autonomia (como conteúdo), que tem que ser planejado e desenvolvido pelos professores, tendo em vista suas três dimensões: na *Conceitual* o aluno deverá compreender o que significa autonomia, sua relevância social, a importância de cooperar e respeitar o próximo; na dimensão *Procedimental* o aluno deve ter acesso à prática de atividades em grupo, já que são nelas que a capacidade de cooperar, prerrogativa para a formação da autonomia é exigida, sendo destacadas as estratégias didáticas fundamentadas no princípio global-funcional(Galatti, Darido , 2010); na dimensão *Atitudinal* o professor deve assumir procedimentos pedagógicos que favoreçam aos alunos tomar decisões e enfrentar desafios de convivência e ter atitudes autônomas através do respeito, da cooperação, do diálogo e dos questionamentos professor-aluno e, sobretudo, aluno-aluno (Scaglia, 2009 e Santana, 2006). Esta visão corrobora com a perspectiva de Freire (2004) e Scaglia (2009), para os quais a aula de esporte, se assim orientada pelo professor, é um ambiente extremamente favorável para o exercício da convivência, cooperação e autonomia. Portanto,

no planejamento de aulas de esporte na perspectiva da pedagogia do esporte e na expectativa da formação para a autonomia, é necessária a superação da redução das aulas ao referencial metodológico técnico-tático.

4. Um olhar sobre a Escolada Ponte

4.1. *Enquadramento legislativo e funcional*

A instituição pública Escola Básica da Ponte ou Escola da Ponte surgiu na década de 1970 em Vila das Aves concelho de Santo Tirso, distrito do Porto. Em 1976, chega a escola um professor chamado José Pacheco, que no seu relato descreve como eram os alunos que ali estudavam “ Na ponte pegamos naquilo que chamavam o lixo da escola. E esse lixo eram jovens de 14 e 15 anos, sem saber ler e escrever, que batiam nos professores. Era uma coisa horrível. E foi aí que aconteceu o clique”. (Morais, 2017, p. 31).

O professor José Pacheco tentou encontrar respostas para as suas preocupações, buscando respaldo legal. Ao analisar a constituição verificou que estava escrito que a educação era um direito de todos. Esta constatação constitucional provocou nele inquietações, levando a uma série de questionamentos: “Se um direito de todos, e aqueles que abandonam a escola, ou ficam, mas não aprendiam a ler e escrever? Acabavam por vezes a ser excluídos deste “todos”. “Por que é que eles não aprendem? “Se o modo como o sistema educativo funciona não logra que todos aprendam, o Ministério da Educação pode continuar com a mesma política educativa? Se o modo como as escolas trabalham não consegue ensinar todos, as escolas podem continuar a trabalhar desse modo? Se o modo que o professor trabalha na sua sala de aula, sozinho com a sua turma, não consegue ensinar a todos, esse professor tem o direito de continuar a trabalhar assim?” A resposta veio simples Não tem. Estou a falar de ética; é uma questão de deontologia profissional”. (Morais, 2017, p.31) E assim nascia a Ponte. O professor Pacheco foi influenciado por vários educadores, que o ajudaram a criar o projeto Fazer a Ponte, dentre eles: Célestin Freinet, Maria Montessori, Emmanuel Mounier, John Dewey, dentre outros. “O fazer da Ponte passou por várias influências. Primeiro um livrinho da Unesco sobre ensino individualizado, depois a teoria de Emmanuel Mounier, até chegar as teses do pedagogo Célestin Freinet” (Morais, 2017, p. 41).

A escola atendia nessa época até o 4º ano de escolaridade. No ano de 2001 passou a atender aos 5º e 6º anos e em 2005 aos 7, 8º e 9º anos.

A Escola funcionou em Vila das Aves até 2013, no ano letivo (2012/2013), por imposição da tutela, a Escola da Ponte, deixou Vila das Aves e passou a ter as suas instalações em S. Tomé de Negrelos. A nova escola é partilhada com a Escola Básica de São Tomé de Negrelos, pertencente ao Agrupamento de Escolas D. Afonso Henriques.

Ao nível de salas/espacos partilha o Pavilhão Gimno desportivo, o espaco exterior, a cantina, as salas de Educação Visual, os Laboratórios, a Biblioteca, o Auditório e a Sala de Música. Por outro lado, ocupa o pavilhão 5 e quatro salas do pavilhão 4 (secretaria, gestão, gabinete de psicologia e arquivo). O ginásio, onde ocorrem as aulas de Educação Física é dividido com a escola São Tomé de Negrelos. A escola atualmente tem 200 alunos do Jardim de Infância ao 9º ano.

É uma escola com uma prática educativa diferente do modelo tradicional, trabalha a partir de um projeto “Projeto Fazer a Ponte”, tem seus pilares dentro de um paradigma emancipatório, desenvolvido ao longo dos anos, em uma organização pedagógica e metodológica, fundamentada na sua autonomia. Uma Escola Pública Autônoma, que foi contemplada com um contrato de Autonomia, celebrado em 15-10-2013 com o Ministério de Educação e Ciência, e encontra-se estruturado da seguinte forma: Objetivos/Estratégias/Responsáveis/Monitorização e Calendarização.

A sua estrutura organizativa, desde o espaco, ao tempo e ao modo de fazer, exige uma maior participação dos alunos, tendo como intencionalidade a sua participação, em conjunto com os orientadores educativos, no funcionamento e organização de toda a escola, no planeamento das atividades, na sua aprendizagem e na avaliação.

Assim, a divisão por anos de escolaridade, turmas ou ciclos deu lugar à organização por Núcleos, Dimensões Curriculares e Grupos Heterogéneos de Trabalho. Existem 3 Núcleos: Iniciação (corresponde ao 1º, 2º, 3º e 4º ano do ciclo) Consolidação (5º e 6º ano) e Aprofundamento (7º, 8º e 9º anos). Estes são a primeira instância de organização pedagógica e correspondem a

unidades coerentes de aprendizagem e desenvolvimento. *“De acordo com a alínea c), do artigo 4º da portaria n.º 265/2012 a escola adotará normas próprias, relativamente aos horários, tempos letivos, constituição de turmas, nomeadamente: horários flexíveis geridos com progressiva autonomia por cada aluno com a mediação do tutor e organização dos alunos em Núcleos nos termos do Regulamento Interno, respeitando os perfis de transição definidos e não por turmas.”*¹

A escola passa por avaliação feita pelo Ministério da Educação anualmente. O projeto Fazer da Ponte tem uma coerência fundamentada, no foco de atender as pessoas, as quais são dotadas de valores, através de uma práxis que pressupõe a introdução de dispositivos (Eu já sei, posso ajudar etc), que estrutura toda atividade escolar. Vislumbra um trabalho coletivo, em equipe, centrada nas relações das pessoas, na aprendizagem. O ensinar a pesquisar, analisar, encontrar informações e a transformação desta informação recolhida em conhecimento e efetivamente a planos de ação, projetos concretos de transformação social e pessoal, decorrendo daqui a formação de competências.

“O Projeto Fazer a Ponte defende, desde sempre, a promoção da autonomia e da consciência cívica dos alunos, privilegiando o seu progressivo envolvimento nas tarefas e na responsabilidade de gestão da escola. O estreito envolvimento da comunidade educativa na tomada de decisões, nomeadamente, na organização da escola e nos processos de aprendizagem, reforça a ideia de que a democraticidade e o respeito pelos interesses dos alunos sobre os demais intervenientes da ação educativa são princípios fulcrais deste projeto (Contrato de autonomia, p. 2).

O projeto é organizado por equipas, a partir de uma perspectiva de interação dos seus elementos constitutivos: alunos, funcionários, professores. A estrutura organizacional é feita tendo como referência o espaço, o tempo e a

¹<http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/CA.pdf>

forma de aprender. O aluno é visto como o centro do processo ensino aprendizagem por isso a importância efetiva da sua participação com a mediação dos orientadores educativos (nome dado aos professores), no planeamento das atividades, na sua aprendizagem e na avaliação. Os alunos são divididos por núcleos e não turmas de acordo com a alínea c), do artigo 4º da portaria 265\2012, Regulamento Interno, p. 2)² que garante a escola adotar normas próprias, no que diz respeito a horário, tempos letivos e constituição de turmas.

Diferente das escolas tradicionais não há salas de aula, mas sim *espaços de trabalho*, onde são oferecidos, diversos materiais que objetivam promover a autoaprendizagem: como livros, dicionários, gramáticas, internet, vídeos, etc, ou seja o aluno busca nesses espaços ricos de conhecimento diversificado, que é a fonte para aquisição de conhecimento, ou seja, através da sua necessidade, seus questionamentos, encontrar nestas materiais respostas. Assim, o aluno tem autonomia, liberdade para usar estes dispositivos pedagógicos. São estes dispositivos que reúnem condições que favorecem a busca do conhecimento.

A Escola fundamenta-se em valores de solidariedade e democracia, onde todos têm o direito à palavra e principalmente à interação. Estes valores são inculcados a cada gesto, a cada atitude, a cada questionamento. Portanto, é uma das bases de convívio social daquela escola.

É na integração nestes ambientes, solidários e democráticos que ocorre a criação diversificada dos recursos pedagógicos que vislumbram um trabalho de autonomia responsável e de ajuda mútua, cultivando a oralidade como fonte primordial, como instrumento autónomo da cidadania, com uma filosofia inclusiva e cooperativa onde os alunos aprendem uns com o outro incluindo também o educando.

“A Escola não é uma mera soma de parceiros hieraticamente justapostos, recursos quase sempre precários e atividades ritualizadas – é uma formação social em interação com o meio envolvente e outras formações sociais, em que permanentemente convergem processos de

² <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/Regulamento-Interno.pdf>

mudança desejada e refletida” (Projeto Educativo- Princípios Educadores, p.2).

4.2. Enquadramento das Práticas Pedagógicas

O trabalho escolar gira em torno do aluno, ele é o centro, sua presença é inevitável ao desenvolvimento de todas as atividades. Ajudar cada aluno a estruturar todo seu projeto de vida é o objetivo. No quadro organizativo merece destaque o Plano da Quinzena; que é organizada pelos alunos. A primeira parte eles desenvolvem o plano a ser realizado na quinzena, atividades coletivas da escola, do projeto do grupo e individual; a segunda parte começa com uma exigente autoavaliação, feita por cada aluno: O que aprendi nesta quinzena? O que mais gostei de aprender nesta quinzena? Outros aspectos que ainda gostaria de aprofundar neste projeto; Mas ainda não aprendi a... Porquê? Outros Projectos que gostaria de desenvolver. Na última folha vem ainda as Informações do Professor Tutor, as Observações do Pai/Mãe/Encarregado de Educação e as Observações do Aluno (Morais, 2017, p. 79).

A escola auxilia os alunos a aprender a estar, a ser, a conhecer e a agir. O estar é garantido pela integração do aluno em todo em toda comunidade escolar, pelos seus pares, orientadores e demais agentes educativos. Os alunos e os orientadores educativos deverão criar estratégias necessárias ao pleno desenvolvimento do trabalho, em planos de periodicidade e avaliação do trabalho realizado (Morais, 2017).

Os materiais de trabalho e recursos educativos, objetivando uma efetiva aprendizagem dos alunos exigem uma especificidade e diversidade, pois estes recursos educativos são capazes de auxiliar os alunos nas respostas adequadas na construção do conhecimento. O uso de um único manual, igual para todos é abolida na escola, assim como as respostas pré- estabelecidas, padronizadas, a criação de guetos que segregam aqueles que, por influência de alguém, o julgam diferente por isso ser importante ter uma reflexão crítica sobre o currículo para melhor conduzi-lo à explicitações dos saberes e das estruturas para o desenvolvimento de competências, tal currículo objetivo,

engajado com metodologías construtivistas, implicará o desenvolvimento de muitas outras competências, atitudes e objetivos a delinear os caminhos do educando.

Os trabalhos propostos aos alunos usarão a metodologia sob forma de projeto, portanto este currículo objetivo tem um carácter dinâmico e um constante trabalho reflexivo por parte dos orientadores educativos de modo que tenham tempo hábil para preparar recursos e materiais facilitem a aquisição de conhecimentos e das competências necessárias à aprendizagem.

Os trabalhos individuais dos alunos: avaliação, atividades diárias, etc que servem para diagnosticar sua evolução no percurso escolar, no processo individual do aluno. Tais trabalhos devem ser supervisionados permanentemente por um orientador educativo, ao qual é atribuído o título de *Tutor* do aluno, que é o mediador entre o *encarregado de educação* e a escola. “O encarregado de educação poderá a qualquer momento agendar um encontro com o professor Tutor do seu educando.” (Capítulo II, Artigo 11.º, pág. 3)³

O professor Tutor é responsável pelo percurso escolar do aluno, acompanhando seu processo de aprendizagem, principalmente orientar nos registros de avaliação, conforme pode observar-se no Regulamento Interno Artigo 11º. O acompanhamento do percurso escolar de cada aluno, bem como a ligação Escola-Família é assegurado por um orientador educativo que se designa de Professor-Tutor. Este reúne com o seu grupo de tutorados semanalmente, monitorizando: a avaliação das tarefas realizadas, a elaboração do novo Plano da Quinzena, as atitudes e comportamentos evidenciados durante a quinzena, as estratégias de resolução de dificuldades, tanto no âmbito das didáticas específicas, como na sua implicação no funcionamento de toda a escola responsabilidades, participação na assembleia, participação em projetos.

³ <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/Regulamento-Interno.pdf>

4.3. O currículo como é pensado?

O currículo é entendido como um conjunto de situações e atividades que vão surgindo e que alunos e orientadores educativos reelaboram conjuntamente. O currículo apresenta um duplo sentido: currículo objetivo que fundado no currículo nacional, é o referencial de aprendizagens e de realização pessoal que decorre do Projeto Educativo da Escola e o currículo subjetivo que é um percurso (único) de desenvolvimento pessoal, um caminho, um trajeto. Só o currículo subjetivo (o conjunto de aquisições de cada aluno) está em condições de validar a pertinência do currículo objetivo. (Capítulo II, artigo 5º, pág 3).⁴

O currículo é articulado em dimensões fundamentais: Lingüística (Língua Portuguesa, Inglesa, Francesa e Alemã), Identitária (História e Geografia de Portugal, História e Estudo do Meio), Naturalista (Ciências da Natureza, Ciências Naturais, Ciências Físico-Químicas e Geografia), Lógico Matemática (Matemática), Artística (Expressão e Educação Musical, Dramática, Plástica e Físico-Motora, Educação Visual e Tecnológica, Educação Musical e Educação Física) e Pessoal e Social (Formação Pessoal, Psicologia e Educação Especial). (Anexo VII, Artigo 5º, pág 3) Os Tutores reúnem-se com os alunos para planearem o que vão fazer com toda a escola e sozinhos, o que se traduz na construção de um documento (Plano da Quinzena), a partir do qual cada um traça diariamente as suas tarefas (Plano do Dia). Isto implica uma maior participação, autonomia e corresponsabilização de todos os implicados na planificação das aprendizagens e na vida social de toda a escola (também presente nos núcleos de projeto educativo e não turmas de acordó com a alínea c), do artigo 4º da portaria 265\2012 que garante a escola adotar normas próprias, no que diz respeito a horário, tempos letivos, constituição de turmas. (Cláusula 4ª)⁵. O Quadro 1 foi elaborado Grupo de Trabalho de

⁴ <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/Regulamento-Interno.pdf>

⁵ <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/CA.pdf>

estudos sobre currículo básico e secundário, que em 2012 estudou a Escola da Ponte, sintetiza a ligação de alguns dispositivos com o funcionamento dos Núcleos, bem como as dimensões.

Quadro 1- Quadro Sintetizado da Organização Pedagógica da Escola

DISPOSITIVOS	NÚCLEOS DE PROJETO EDUCATIVO					
	Iniciação		Consolidação		Aprofundamento	
	DIMENSÕES CURRICULARES					
	Artística	Identitária	Linguística	Lógico-Matemática	Naturalista	Pessoal e Social
Plano de quinzena Plano do dia Eu já sei Preciso de ajuda posso ajudar em Pesquisa em casa Clube dos leitores acho bem/acho mal Mapa de presenças Caixinhas dos segredos Textos inventados Responsabilidades Debates Murais Trabalho em grupos heterogêneos Tutoria Direitos e deveres Atas de Assembleia Convocatórias de Assembleia Reunião de pais Trabalho em equipa Aulas diretas (...)	Expressão e Educação Plástica, Dramática, Musical e Físico-motora	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Formação Pessoal e Social
	Educação musical	História e Geografia de Portugal	Língua Inglesa		Ciências da Natureza	Educação Especial
	Educação Visual e Tecnológica	História	Língua Francesa		Ciências Naturais	Psicologia
	Educação Física		Língua Alemã		Ciências Físico-Química	
	Educação Visual				Geografia	
	Educação Tecnológica					
	Introdução às Tecnologias de Informação					

4.4. Conhecimento e Aprendizagem na Ponte

A Escola da Ponte parte do princípio que o conhecimento tem que ser significativo para a criança, constituindo-se como um autoconhecimento e que se constrói pelas experiências vividas. Deste modo, leva o aluno a descobrir por si mesmo o que se vai ensinar, geralmente através de perguntas e respostas, permitindo, assim, que o conhecimento tenha significado para o

aluno (heurísticamente), numa perspectiva vertical e transversal⁶. A autonomia na busca do conhecimento é proporcionada quando deixa o aluno pesquisar, encontrar, a aprender sozinho, por isso é fundamental respeitar a individualidade de cada aluno, referindo a uma mesma plataforma curricular para todos os alunos, mas desenvolvida de modo diferenciado por cada um.

“A memória é como um escorredor de macarrão. O escorredor existe para deixar passar aquilo que não vai ser usado: passa água, fica o macarrão. Essa é a razão por que os estudantes esquecem logo o que são forçados a estudar. Não por falta de memória. Mas porque sua memória funciona bem: não sei para que serve, deixo passar” (Alves, 2012, p. 60).

Partindo do pressuposto que cada um tem seu tempo de aprendizagem próprio e diferente um dos outros, por isso compreender a estrutura cognitiva dos alunos, bem como seus interesses e expectativas a cerca do conhecimento, que deverá ter no seu cerne de saber.

Objetivos concretos e interrelacionados de aprendizagens, com foco no desenvolvimento de competências. Disciplinas e conteúdos articulados, sem deixar de lado a preocupação com as atitudes estruturadas, que visam a formação do aluno, são pontos fundamentais a levar em consideração à aquisição do conhecimento, por parte do aluno (Pacheco, 2005). É papel da escola favorecer a vivência aos alunos em vários contextos socioeducativos, formais e informais, para que ele possa identificar a diversidade de realidades.

O conhecimento significativo é de suma importância sendo produzido e construído pelo próprio aluno através da experiência, originando assim o autoconhecimento e a aprendizagem, como um processo pedagógico que visa encaminhar o aluno a descobrir por si mesmo, geralmente através de perguntas (heurísticamente). O conhecimento, além de ser visto como um processo social de construção significativa através da experiência, valoriza aprendizagens significativas numa perspectiva interdisciplinar e holística do

⁶ <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/PE.pdf>

conhecimento, incentivar a percepção, a caracterização, a resolução de problemas de maneira a trabalhar conceitos duradouros e ininterruptamente, numa perspectiva recorrer a estruturas cognitivas gradativamente até atingir a com mais complexidade.

Todos têm acesso a plataforma curricular comum. Os objetivos, advindos do Currículo Nacional são traduzidos numa linguagem mais acessível, estão expostos nos murais por disciplinas definidas pelo Currículo Nacional: Português, Matemática, Estudo do Meio, História e Geografia.

No *Plano da Quinzena*, um dos itens a ser preenchido pelo aluno é “Quais as áreas/objectivos que me podem ajudar na realização do projecto?” No 7º, 8º e 9º anos, por exemplo, na área de Língua Portuguesa estão registrados nada mais nada menos do que 235 objetivos, entre os quais *reconhecer aférese; síncope; apócope; prótese; epêntese; paragoge; assimilação; vocalização; sonorização; palatalização; crase; sinérese*, este a meu ver é um aspecto muito importante porque aproxima a Escola da Ponte valoriza o currículo nacional. Os educadores que temos na Ponte têm uma grande preocupação na prática educativa (programa), assim como revela a relatividade da ênfase aos conteúdos conceituais, eles não são alvos centrais e os alunos constroem seu conhecimento, mas respeitando as diferenças individuais de cada aluno, o seu tempo, sendo assim, os conteúdos programáticos são apresentados de forma distinta para cada um, entendo que as estruturas cognitivas, as expectativas e interesses são divergentes de aluno para aluno.

A aquisição de competências e atitudes que estruturam o indivíduo é um objetivo concreto de aprendizagem, a reprodução mecânica, separada dos programas das áreas ou disciplinas curriculares sem articulação dos conhecimentos ou objetivos soltos é abominada na aprendizagem. Proporcionar vivências e experiências, em contextos socioeducativos diferenciados, em ocasiões formais e informais que oportunizem ao aluno reconhecer realidades diferenciadas. Primeira grande diferença: o programa não é fim. *O objetivo não é a repressão e sim a felicidade*. E isto não é mera retórica. Toda a estrutura do currículo, pautada nos dispositivos pedagógicos.

Como todo este proceso começa muito cedo, percebe-se naturalidade na rotina dos alunos no trato com estas tarefas (Pacheco, 2005).

4.5. Avaliação como prática mediadora da aprendizagem na Ponte

Antes de falar do proceso avaliativo da Ponte, importa primeiro recorrer aos estudos de Luckesi, que discute a diferença entre exame e avaliação. O autor vê o exame como elemento balizador do conhecimento do aluno: o aluno sabe ou não sabe. Segundo Luckesi, examinar é muito mais pontual, o aluno deve responder corretamente no dia da prova sendo extremamente classificatório, pois está atrelado a médias, é seletivo, exclui através das “notas baixas” o aluno do processo de aprendizagem. *“Provas para reprovar. Os professores elaboram suas provas para “provar” os alunos e não para auxiliá-lo na aprendizagem”* Luckesi, (2008, p. 21). Como também Hoffmann (2009) colabora reafirmando a prática adotada pela Ponte ao avaliar. Ela acredita que os testes e provas devem servir para verificar o que ele já aprendeu e não o que ele não sabe. *“O uso de testes e tarefas avaliativas, nas salas de aula, não visa à eliminação do aluno, mas investigar seus avanços e/ou dificuldades para poder intervir pedagogicamente e alcançar a melhoria de suas aprendizagens”.* (Hoffmann, 2009, p. 17).

Quando as crianças utilizam o dispositivo “eu já sei,” informam os orientadores educacionais que já dominam um determinado conteúdo podendo então ser avaliado. Segundo Fernandes (2006, p.23), estamos diante de uma avaliação formativa, *“avaliação formativa pode ocorrer após o desenvolvimento de um domínio do currículo num dado período de tempo”.* Na Ponte as avaliações não têm um modelo formal, pré-estabelecido. A avaliação e a autoavaliação das aprendizagens são feitas quando o aluno se sente preparado para o efeito, quando sente necessidade de manifestar ou aplicar conhecimentos adquiridos, expor competências, comunicando o que aprendeu e utilizando o *Eu já sei, portanto,* a avaliação formativa é toda e qualquer avaliação que se desenvolve nas salas de aula. (Fernandes, 2006).

Vários são os instrumentos para acompanhar o percurso na aprendizagem, de cada um. Um deles é o compartilhar intenções de aprendizagem com os alunos, a auto-avaliação é um dos pontos fortes da avaliação na Escola da Ponte, estando também presente em vários dispositivos: *Eu preciso de ajuda* (aluno, depois de ter buscado sozinho e com os colegas de grupo, não sanou as dúvidas e sinaliza para o professor e demais colegas); *Eu já sei* (aluno, tendo convicção de seu aprendizado de determinado objetivo, sinaliza para o professor que está pronto para ter uma avaliação mais formal, que também existe na Ponte, mas que é algo muito tranquilo, pois não serve para classificar, e sim para qualificar), além dos portfólios fazem parte da paisagem cotidiana da sala de aula, eles utilizam destas pastas (Pacheco, 2005). O Projeto educativo espelha estes princípios: “A autoavaliação, nesta escola, caracteriza-se por uma prática contínua e sistemática de regulação e autoregulação da aprendizagem” (*Contrato de autonomia, p.3*)⁷.

Outro critério de avaliação na Ponte é o de partilha para o sucesso, que envolve os alunos na avaliação do seu próprio aprendizado (e de outros alunos), ocorre quando nos momentos do debate diário, os alunos, entre outras coisas, avaliam o dia de trabalho, além de fornecer feedback que é o avanço dos alunos. Existe uma avaliação que os alunos fazem do seu cotidiano, expressa, por sua vez, nos dispositivos do *Acho bem* e do *Acho mal* (cartazes que ficam nos murais e os alunos vão registrando). Portanto na Ponte, a avaliação não se destaca, não chama a atenção, muito embora esteja absolutamente presente nos principais dispositivos pedagógicos ali desenvolvidos ou aplicados, a avaliação está presente (Pacheco, 2005). Portanto, a avaliação é parte integrante do processo de aprendizagem e está presente em todos os momentos das dinâmicas de trabalho, bem como nas práticas pedagógicas (Quadro 2).

⁷ <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/CA.pdf>

Quadro 2 - Requisitos para os alunos passarem de um núcleo para o outro

	<u>Transição</u> Núcleo da Iniciação para Consolidação	<u>Transição</u> Núcleo da Consolidação para Aprofundamento	<u>Saída</u> Núcleo do Aprofundamento
Responsabilidade	É pontual e assíduo e cuida do asseio e arrumação dos materiais. Chega quase sempre a horas e só falta em situações especiais, arruma todo o seu material e alerta o seu grupo para o mesmo quase sempre que abandona o espaço.	Cumprir as suas responsabilidades e ajuda a cumprir as do grupo.	Cumprir e ajuda a cumprir responsabilidades do grupo e as colectivas
Relação Positiva e de Entreaajuda	Mantém um bom relacionamento com pares e adultos. Relaciona-se com os outros com amabilidade e raramente entra em conflito.	Mantém um bom relacionamento com pares e adultos. Aceita e presta ajuda a colegas e outros, sempre que solicitada.	Mantém um bom relacionamento com pares e adultos. Permite, e procura, ser ajudado quando necessário e ocorre em auxílio dos outros de modo espontâneo.
Persistência e Concentração nas Tarefas	É persistente e revela concentração no desempenho das tarefas. Tenta cumprir todas as suas tarefas só solicitando ajuda quando	É persistente e revela concentração no desempenho de tarefas, ultrapassando dificuldades	Ultrapassa dificuldades sem necessidade de ajuda e contribui para a melhoria da concentração quer dos pares quer do grupo.

	efectivamente dela necessita.		
Autonomia	Toma iniciativas adequadas às situações sem intervenção alheia. Em aspectos que dependem de si próprio toma as iniciativas que lhe parecem mais adequadas.	Toma iniciativas adequadas às situações, sem intervenção alheia. Revela segurança nas tarefas.	Toma iniciativas adequadas às situações, sem intervenção alheia. Revela segurança nas tarefas.
Criatividade	Desenvolve tarefas adaptando ou recriando modelos	Produz inovações	Produz inovações com complexidade, originalidade e coerência
Participação e Pertinência nas Intervenções	Participa activamente nas actividades. Participa com frequência nos debates e/ou discussões colectivas que se realizam. Intervém na Assembleia com alguma frequência. Na grande maioria das situações as intervenções são pertinentes.	Participa activamente nas actividades da escola. Sabe ouvir, intervir e fundamentar	Participa activamente nas actividades da escola. Sabe ouvir, intervir e fundamentar. Apresenta propostas adequadas, busca o consenso e as suas críticas são construtivas.

4.6. *Orientadores Educativos*

O profissional de educação na Escola da Ponte, o orientador educativo, deve estar a par das dificuldades de aprendizagens dos alunos, de forma a que possa encontrar estratégias pedagógicas para superar tais dificuldades. As práticas educativas não pretendem que os alunos sejam meros reprodutores,

pelo que se afastam das práticas tradicionais de ensino suportadas num conhecimento codificado e pré determinado. O Orientador Educativo é o coorientador, do percurso educativo de cada aluno, pois o orientador é o próprio aluno, apoia os processos de aprendizagem dos alunos, na medida que é solicitado a mediar a aprendizagem dele, tirar dúvidas, aula direta. A formação destes orientadores educacionais, deve acontecer em ambiente de trabalho, articulado a Escola. Os Orientadores Educacionais são responsáveis por todas as decisões tomadas e devem adaptar-se às características do projeto, são avaliados anualmente em função do perfil. Na Reunião de professores às quartas-féias, à tarde, os professores ou orientadores educacionais avaliam como anda o Projeto da Escola e buscam formas de melhorias. A observação é uma prática constante de avaliação por parte dos professores ou orientadores educativos, sobretudo em termos de atitudes e valores: a solidariedade, responsabilidade e autonomia, que é a base do Projeto Educativo da Escola, sem estabelecer ruptura com a avaliação de conhecimentos (Artigo 44.º, pág 16).⁸

⁸ <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/Regulamento-Interno.pdf>

III – Metodologia

Objetivo

Este estudo tem como objetivo investigar as práticas pedagógicas da Escola da Ponte, designadamente os mecanismos de diferenciação, bem como as práticas de responsabilização e de autonomia dos alunos no currículo em geral e da área da Educação Física.

Face ao objetivo, a metodologia desta pesquisa segue a linha qualitativa, em formato de estudo de caso (Yin, 2005), utilizando múltiplas fontes de informação, na procura de obter dados de diferentes tipos, o que, por sua vez, permitirão o cruzamento de informações.

A vantagem do estudo de caso é a sua aplicabilidade a situações humanas, a contextos contemporâneos de vida real (Dooley, 2002). O mesmo autor refere ainda que: “Investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou para descrever um objeto ou fenómeno” (pp. 343-344). Malhotra (2001) refere que a base do estudo caso é a exploração e a descrição, indicações que serão a base do presente estudo.

1. Participantes

Participaram no estudo vários atores da escola da ponte: uma coordenadora pedagógica da escola; dois professores de Educação Física, que são os que estão integrando a disciplina na atualidade, um do quadro da escola e outro em destacamento ou mobilidade, um ex-professor de educação Física da escola; alunos pertencentes aos três núcleos da Escola da Ponte - Cinco da Iniciação, cinco da Consolidação e cinco do Aprofundamento, três ex-alunos e o fundador do Projeto Fazer da Ponte - Professor José Pacheco – no qual o ensino se reveste de cores distintas:

“Vimos à Escola da Ponte porque ela representa um modo diferente de ensinar. Ou melhor, de aprender. Um modo diferente que foi iniciado em

1976 e que cumpriu 40 anos em 2016. Quatro décadas a educar de forma diferente. Quatro décadas a ensinar de forma diferente” (Morais, 2017, p.30).

De referir ainda que a pesquisadora, (a autora) foi observadora não participante.

2. Instrumentos de recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados foram os documentos orientadores da escola (Projeto Educativo da Escola e site da escola), vídeos públicos de divulgação da escola com o professor José Pacheco, para caracterizar a escola; observação não participante e entrevistas semiestruturadas – que foi selecionada por ser o tipo de entrevista mais utilizada quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. Em termos de estrutura, segundo Manzini (1991, p. 154), a entrevista semiestruturada focaliza-se num assunto sobre o qual se elabora um roteiro com as questões principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o mesmo autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Além deste modelo de entrevista semiestruturada, proporcionar-me a possibilidade de caracterizar e conhecer as dinâmicas do dia a dia da escola – as características diferenciadoras, o ensino, a aprendizagem.

As observações decorreram em dois setores: 1) geral - dinâmicas da escola pelos seus diferentes espaços e 2) aulas de Educação Física - dinâmicas e organização, conteúdos, resolução de conflitos e mediação, motivação e integração entre os alunos de diferentes faixas etárias. No processo observacional foram ainda tidas algumas conversas informais com os professores de Educação Física e alunos. A recolha dos dados decorreu entre setembro de 2018 e maio de 2019. Nas primeiras observações, face à dificuldade de interpretar algumas práticas pedagógicas, enquanto

observadora, recorri a conversas informais com os funcionários, professores, coordenadores, auxiliares e até mesmo com alunos que encontrava pelos corredores, na procura de compreender melhor o contexto.

Nas entrevistas procurou-se captar informação que permitisse caracterizar e conhecer as dinâmicas do dia a dia da escola – as características diferenciadoras, o ensino, a aprendizagem. De seguida apresentam-se os guiões das entrevistas dirigidas à coordenadora pedagógica, aos professores e alunos. A entrevista ao professor José Pacheco teve por base as questões colocadas à Coordenadora Pedagógica (questões 1, 2, 7 e 8).

Coordenação Pedagógica

- 1- A escola da ponte hoje reflete o seu projeto inicial?
- 2- Presentemente, qual a ideia central do projeto educativo da Escola?
- 3- Quais as práticas curriculares que o projeto educativo aponta?
- 4- Quais os mecanismos de diferenciação e de autonomia dos alunos são implementados na escola?
- 5- Ao nível dos processos de avaliação, o que é que predomina, a avaliação para a aprendizagem ou a avaliação da aprendizagem?
- 6- Relativamente aos currículos nacionais, como é que estão contempladas dimensões do projeto educativo/curricular da escola?
- 7- Existe alguma orientação específica no(s) projeto(s) para as aulas de Educação Física?
- 8- Em que dimensão presente no projeto a Educação Física está inserida?
- 9- Qual o critério para a formação dos subgrupos nos núcleos de ensino?

Professores de Educação Física

- 1- O que considera serem boas práticas em Educação Física?
- 2- Quais as principais preocupações que tem quando prepara as suas aulas de Educação Física?
- 3- Quais os aspetos com que se preocupa mais no decorrer das aulas?

- 4- As propostas de trabalho têm em conta os núcleos de alunos? Explícite.
- 5- De que modo lida com a heterogeneidade dos alunos?
- 6- Quis os princípios, valores, orientações do projeto da escola que valoriza nas suas aulas? De que modo?
- 7- Nas suas aulas utiliza mecanismos de diferenciação e de autonomia dos alunos? Explícite-os.
- 8- Existe muitos problemas indisciplinares nas aulas de Educação Física?
Se sim, quais? Como é que lida com eles?
- 9- Como é que prepara e realiza os processos de avaliação? Que participação têm os alunos?
- 10-Existe alguma proposta para os alunos com necessidades especiais?
- 11-Ao terminar uma aula o que é que o faz sentir satisfeito?
- 12-O que considera serem boas práticas em Educação Física?

Alunos

- 1- O que é que te proporciona mais alegria nas aulas de Educação Física?
- 2- Por que as aulas de Educação Física são importantes?
- 3- Que papéis desempenhas na aula de Educação Física? Qual é que gostas mais de desempenhar?
- 4- Nas aulas todos os alunos fazem as mesmas atividades? Explica no caso de as atividades serem diferentes.
- 5- O professor/a dá autonomia aos alunos no decorrer das aulas ou ele dirige todo o processo? Explica.
- 6- O professor explica os objetivos da aula quando
- 7- Como é que é que habitualmente trabalhas nas aulas de Educação Física? Em grupo? Se em grupo como é que são organizados?
- 8- O que é que fazes quando vê um colega com dificuldades em realizar uma atividade nas aulas de Educação Física?
- 9- Como é que vês os jogos competitivos nas aulas de Educação Física?
- 10-Quando tens dificuldade em realizar uma atividade nas aulas de Educação Física, como procedes?

11-Tens alguma participação nos processos de avaliação? No teu e no dos teus colegas?

12-O que é que aprendes nas aulas de Educação Física?

Ex-alunos

1- Quais os ensinamentos que a Escola da Ponte deixou lhe deixou?

2- E as aulas de Educação Física? Que aprendizagens?

3. Procedimentos de recolha

O processo de recolha de dados iniciou-se com o envio de um email à escola solicitando o interesse em fazer a pesquisa, em fevereiro de 2018. A escola sugeriu uma entrevista com a pesquisadora e a mesma foi acompanhada da orientadora (especialização em Pedagogia do Desporto), de forma a ficar claro o interesse em realizar a pesquisa naquela escola, bem como as justificativas para tal. A partir daí foram definidos os dias e horários em que a pesquisadora poderia comparecer na escola, começando suas observações na semana seguinte. Foi ainda referido pela Coordenadora Pedagógica, a necessidade de pedir autorização ao Ministério da Educação para realizar as entrevistas aos alunos. O pedido foi efetuado e face ao facto de já estar autorizada a realizar visitas nos espaços de trabalho, com exceção ao ginásio, iniciei as observações.

As visitas foram feitas nos meses de fevereiro e março, na procura de poder observar dias em que houvesse dinâmicas de trabalho diferentes. Às segundas, terças e quintas, não havia nada pontual de propostas de trabalhos diferentes, enquanto que nas quartas e sextas, aconteciam os planeamentos e as assembleias, respetivamente. Foi retomada a observação no início do ano letivo, em setembro de 2018, agora centralizada aulas de Educação Física, acompanhando os trabalhos às quartas-feiras no espaço de trabalho comum a

todas as disciplinas. Nestes dias as observações foram feitas no grupo da Iniciação, realizando apenas um dia no grupo da Consolidação.

Somente em abril o Ministério de Educação autorizou a realização das entrevistas aos alunos. Foi feito contato com a escola que naquele momento entraria em recesso, da Páscoa. Portanto, só em meados de maio foi possível entrevistar os professores de Educação Física, a Coordenadora Pedagógica e os alunos.

Todas as entrevistas foram feitas na escola em ambiente calmo e gravadas. Os alunos responderam de forma direta as questões. Os professores de Educação Física não responderam às questões de forma direta, estes quiseram aceder previamente ao guião e na entrevista foram narrando livremente acerca das questões tratadas no guião. Com o ex-professor, as perguntas foram diretas, seguindo o roteiro do guião. As primeiras duas perguntas não foram respondidas, pois o professor considerou que não se enquadravam nas práticas educativas que teve na época que lecionou (2004 a 2012). As questões dos ex-alunos foram enviadas e respondidas por email.

4. Procedimentos de análise

As observações foram feitas de forma densa, no sentido de apreender a substância, dar conta da complexidade da cultura como representação do mundo e da enorme variedade de formas e contexto em que se realiza (Bardin, 2008), sendo tudo que foi constatado: às práticas, as vivências, o convívio, partiram da experiência intensa na comunidade escolar. O horário, muitas vezes, era integral naquele estabelecimento, para que tudo pudesse ser anotado pela pesquisadora, de facto, é fundamental que se esteja o mais possível inserido na unidade social, pois só assim o investigador terá elementos que lhe permitirão compreender o mundo social a partir de dentro, pois partilha a condição humana dos indivíduos que investiga, acedendo às suas perspetivas ao viver “as mesmas situações” e os “mesmos problemas” que eles. (Bardim, 2008). Foi esta integração com a Escola da Ponte que permitiu a descrição da realidade das práticas pedagógicas e das dinâmicas da

escola e da Educação Física. Foi na pesquisa de terreno que efetivamente a incorporação e a inclusão do cotidiano desta escola aconteceu.

O conteúdo informativo oriundo das observações e entrevistas foi analisado seguindo os pressupostos das diferentes fases da análise do conteúdo, que segundo Bardin (2008, p. 95), devem respeitar três orientações: 1) A Pré-análise, 2) Exploração do material, 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na Pré-análise foram sistematizadas as idéias principais, que permitiram o desenvolvimento e a condução de objetiva da análise das respostas. Na exploração do material, identificaram-se regularidades e irregularidades que conduziram à definição de três grandes temas: (i) dinâmica do trabalho, (2) organização do trabalho pedagógico; (3) Práticas pedagógicas em Educação Física. No tratamento dos resultados a informação foi sistematizada nos temas, que possibilitaram a inferência e interpretação tendo em conta os objetivos da pesquisa como também a descobertas inusitadas.

5. Considerações éticas

A pesquisa foi autorizada pela coordenação da escola, pelo ministério da educação (ver anexo III) e pelos participantes (consentimento livre e informado). Foi ainda garantida a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, bem como o uso exclusivo dos mesmos apenas para fins de investigação.

Na apresentação dos resultados recorreu-se a códigos: AI: Alunos da Iniciação; AC- Aluno da Consolidação; AA- Aluno do Aprofundamento; CP- Coordenadora Pedagógica; EA- Ex-Aluno; EPEF – Ex-professor de Educação Física; PEF1- Professor de Educação Física 1; PEF2- Professor de Educação Física 2; NC – Notas de Campo.

IV - Apresentação dos resultados

1. Organização do Trabalho Pedagógico na Escola da Ponte

Na Escola da Ponte não existe um professor que ensina e um aluno que aprende, é valorizado o saber do aluno e respeitados os seus interesses. Nesta escola o professor é chamado de Orientador Educativo, mas os alunos referem professor. A escola não tem turmas, mas sim núcleos, com subdivisões. As salas de aula são espaços muito amplos de aprendizagem, havendo, entre os subgrupos, paredes com portas, de fácil abertura. Os alunos trabalham com folhas e fichários individuais organizados numa prateleira. Nesta escola o aluno é mais importante que o currículo e os conteúdos. Esta estrutura e foco, está bem espelhado nas palavras da coordenadora pedagógica:

“O projeto educativo acenta-se, num conjunto de propostas que depois reflete a forma como gere, se organiza todo o trabalho pedagógico, afetivo etc, um deles é que cada criança seja atendida com sua especificidade, individualizar dados da aprendizagem, que esta reflita seu modo, seu modo de estar, levando em conta que todos somos diferentes e aprendemos de forma diferente. Outro pressuposto que a Ponte tem, é que cada um seja interventivo na vida educativa da escola, que a escola reflita a intervenção de cada um, e o outro que é que as aprendizagens sejam ativas e significativas, e que eles possam posteriormente ser agentes transformadores do ponto de vista social. Este é de fato o referencial da escola. Este referencial e pressupostos que a Ponte tem, acaba depois por nortear as decisões do dia a dia. Aprendizagem centrada nos miúdos e não no professor, por isso os professores não fazem plano de aula, há sim um trabalho de gestão com eles, por isso é que temos dispositivos muito próprios, que vão de encontro ao aluno e suas especificidades, não temos manuais únicos e sim vários manuais e fontes de informações que os alunos tem, plataformas digitais que usamos, materiais que temos nos espaços, para que os alunos tenham possibilidade de apreenderem com eles, e não estarem dependentes dos professores dizerem “ abram o livro na página tal” (CP).

“Há 43 anos a Ponte era uma escola como as outras, um edifício decrepito velho, caindo aos pedaços, e as práticas eram a sala de aula. Hoje é o extremo, a radicalidade, do centro da aprendizagem o aluno autônomo o protagonismo juvenil. Ponte é um exemplo de Escola Nova onde o centro no aluno foi um longo processo de roturas, problemas e obstáculos, portanto ela está diferente do seu projeto inicial de 1976” (JP).

Os alunos chegam às 8:30, para o pequeno almoço. Na primeira visita de observação que efetuei foi uma aluna, de aproximadamente 11 anos, que me mostrou as dependências da escola, bem como o seu funcionamento. No primeiro piso ficam os grupos da Iniciação e do Pré-Escolar, separados por paredes de fórmica, com portas giratórias, que facilitam o deslocamento dos alunos e professores. Num destes locais, somente os alunos da 1ª vez (alfabetização), nos três subseqüentes a 2ª, 3ª e 4ª vez, todos sentados em grupos que são separados pelas idades, conhecimentos, conteúdos, comportamentos, entre outros critérios quando necessário. Nos grupos existem alunos pertencentes a vários níveis de ensino. No segundo piso fica a Consolidação: C1 e C2 (corresponde aos 5º e 6º anos) e Aprofundamento: A1, A2 e A3 (do 7º ao 9º ano), neste espaço de aprendizagem as paredes também obedecem à estrutura do primeiro piso. Há folhas afixadas na parede com frases, e um espaço para os alunos escreverem elementos relativos às suas aprendizagens e necessidades: “Eu já sei”- aqui o aluno escreve o conteúdo que já domina e que pretende ser avaliado; “Pesquisa em casa” -os alunos requisitam materiais para levar para casa; “Posso ajudar em” - cada aluno escreve os conteúdos que já aprendeu; “Preciso de ajuda” - os alunos escrevem os conteúdos em que estão a sentir mais dificuldade; “Acho bem” – os alunos enaltecem atitudes e comportamentos dos colegas; “Acho mal” – os alunos referem atitudes e comportamentos que não apreciam. Estes dispositivos são preenchidos sem nenhuma intervenção do orientador educativo, isto é, partem de iniciativas próprias.

Em cada grupo há um orientador educativo que auxilia cada aluno deste grupo. De quinze em quinze dias os alunos fazem o plano quinzenal, nos grupos com os seus orientadores educativos que são tutores. O Tutor cumpre um papel fundamental no contexto do projeto "Fazer a Ponte", pela possibilidade que se cria de um efetivo acompanhamento da trajetória de cada estudante. No começo das atividades de cada ano, os estudantes apontam nomes, entre os Orientadores Educativos, que gostariam de tê-los como Tutores. A Equipe analisa os nomes e definem-nos. Cada professor assume entre oito e doze tutorados e passa a acompanhar toda a sua trajetória na Escola e até mesmo extra-escola, estabelecendo a comunicação com as famílias ou instituições que os recebem, dependendo do caso. Sendo assim, na Ponte, não é o coordenador pedagógico que conversa com os responsáveis, tão pouco são os coordenadores que são procurados para tratarem de situações que envolvem os educandos, mas sim os Professores-Tutores. Nesta incursão, acompanhei um momento da escolha do tutor. Um orientador educativo escreve os nomes dos orientadores que poderão ser votados, dão um papel para cada aluno, que pode escolher três professores. Neste mesmo dia, um orientador educativo discute com os alunos seus direitos e deveres na escola. Esta foi umas das primeiras aulas que observei. (NC, 10/10/2018)

No dia do planejamento quinzenal, às quartas feiras, os alunos preenchem um registo com a abertura da quinzena. Primeiro, faz-se um balanço do que foi aprendido, depois estabelece-se o que se vai aprender. Quem avalia é o aluno. Os assuntos comuns a todos os tutorados, é falado em grupo. Discutem-se atitudes, problemas, formas de agir, todos pedindo a palavra com o dedo levantado. Avalia-se se os grupos de trabalho estão funcionando bem. A necessidade de apoio e reforço, varia de aluno para aluno. Uns são perfeitamente autónomos ou precisam apenas de uns lembretes, outros necessitam de um acompanhamento mais próximo que os recorde, por exemplo, de verificar se conseguiu concluir o plano semanal anterior. Na iniciação, a autoavaliação reporta-se a um conjunto de itens relacionados com o saber estar: Pedi a palavra, Ajudei e aceitei a ajuda dos outros, Respeitei os outros, Entrei e sai do espaço calmamente, Empenhei-me no meu trabalho,

Brinquei sem causar problemas, Falei baixo, Participei nos debates (apresentei propostas e dei minha opinião), Arrumei o material, Fiz autoavaliação do dia, Participei na Assembleia. Nos grupos de Consolidação e Aprofundamento os elementos considerados na autoavaliação alteram-se; itens: O que vou aprender?, Reflexão sobre as minhas aprendizagens e atitudes nesta quinzena. Neste parâmetro avalia-se o cumprimento do plano de aprendizagem, o que mais gostou de fazer, o que menos apreciou, a forma como correu o trabalho no grupo, a participação na assembleia e nas visitas de estudo, como correram as pesquisas e o que é preciso fazer para melhorar o que não estiver bem. Nesta autoavaliação o aluno, deve escrever as suas respostas, que irão ser confrontadas com a realidade vivida, com as suas falhas, os seus avanços com vista a elaborar um compromisso de melhoria. (NC, 11/10/2018).

As palavras da coordenadora pedagógica reforçam esta perceção acerca do modo como o trabalho pedagógico se organiza na escola da Ponte:

“As práticas curriculares são que a aprendizagem se centre no aluno e não no professor, não há planos para todos, cada um faz seu plano quinzenal que é o referencial para os planos diários” (CP).

“Os miúdos têm responsabilidades partir das necessidades: o terrário, a biblioteca, o jornal, os eventos que a escola tem, a solidariedade. (O mato por trás da escola, encontra-se grande, pelo que os miúdos fizeram várias cartas à junta pedindo que ele seja cortado). Portanto, que eles se impliquem na vida da escola. Que as coisas aconteçam e que todos saibam o que está a acontecer. Por isso eles vão aos espaços, para fazer anúncios, para pedir idéias aos colegas, para fazer debates. Esta implicação deles, tem a ver com a nossa proposta, que as crianças desenvolvam a autonomia, a cooperação, a solidariedade, que são valores fundamentais numa sociedade, portanto, que mais tarde, estes sejam transformadores do ponto de vista social” (CP).

Todas as sextas feiras, ocorrem as Assembleias, onde os representantes são escolhidos por meio de votação (Anexo I). Cada lista deve ter alunos de todos os núcleos (pelo menos 1). A Comissão Eleitoral é composta de sete alunos e possui um regimento (Anexo I). Acompanhei numa Assembléia o debate das listas em que cada uma apresentou os seus planos de ação. Os orientadores educativos ficam na plenária, e tal como os alunos também podem colocar questões, levantando o dedo. As propostas das listas, são questionadas de acordo com a viabilidade ou não de serem executadas. Os alunos espalham cartazes pela escola com as propostas e também a foto dos integrantes da lista. (NC, 24/10/2018)

No Jardim de infância o trabalho de autonomia, começa com a chamada, onde cada aluno deve localizar o seu nome inscrito numa cartolina e marcar presença (um diário fixado na parede).

No núcleo de Iniciação (alfabetização), na primeira vez observei que os alunos sentam-se em grupos, em mesas com quatro cadeiras: cada grupo tem um nome, que é escolhido por eles. Os alunos levantam sempre o dedo para pedir a palavra, tal como o orientador educativo. Este processo de conquista da autonomia é reconhecido por um ex-aluno da escola da ponte: *“A Escola da Ponte acima de tudo ensinou-me a ser autónomo. Lá aprendi o valor da responsabilidade, da liberdade, o trabalho de grupo, a ajuda coletiva etc. Trouxe comigo valores e aptidões para enfrentar melhor o meu futuro”* (EA1). Não vi nenhum professor engrossar a voz com nenhum aluno, pois todos sabem, que quando querem falar, serão ouvidos, que terão direito a falar, bastando levantar o dedo.

A entreaajuda é constante em todos os momentos, mencione-se atítulo de exemplo um aluno que foi solicitado para ler uma tarefa que tinha sido prescrita para casa e que ele não tinha conseguido fazer. O professor perguntou o motivo, e ele disse que o pai não o ajudava em casa nas tarefas. Face à resposta, o orientador educativo pediu a uma aluna para o ajudar. Após isso, o professor pediu que todos lessem suas frases. Assim, verificou que este aluno sabia ler as suas frases. Neste dia todos leram e também foram ouvidos (NC, 26/02/2018)

Noutra atividade, a “caça ao tesouro”, os alunos tinham que descobrir, de forma orientada, cada um no seu grupo, onde estavam os tesouros (números numa folha de papel). Um dos tesouros, revelou-se difícil de encontrar, identificar, pelo que o orientador educativo pegou no mapa e juntamente com os alunos procurou o ponto onde estava o tesouro. Fez isto várias vezes, até que os alunos o encontrassem. (NC, 26/02/2018).

A competição entre eles existiu de forma solidária, havia interajuda do grupo. Nesta mesma turma de Iniciação, 1ª vez, (nome dado aos alunos do grupo de alfabetização) um aluno, mostrava-se muito resistente para respeitar as regras pré-estabelecidas de convivência (interrompia os colegas, quando falavam durante as aulas, não conseguia ter concentração nas atividades). O orientador educacional pediu-lhe para ajudar uma colega a ler as suas frases, já que ela não conseguia. O menino leu com desenvoltura para a turma, o que o deixou menos resistente a respeitar as regras no decorrer da aula (levantar o dedo para pedir a palavra, ficar junto com o seu grupo. Quando as crianças leram suas frases sobre o fim de semana, todas foram escutadas e suas histórias, desejos, foram respeitadas pelos demais. A aprendizagem do cumprimento de regras e respeito pelo outro encontra eco nas palavras de ex-alunos da escola:

“Saber o meu papel na sociedade e na democracia que vivemos também devo muito à Escola da Ponte, visto que aprendemos a importância de ter uma opinião e de a fazermos ouvir” (EA2).

“O facto de não termos aulas expositivas e de sermos nós a procurar as respostas para as diferentes matérias penso que me tornou mais proactiva e resiliente quer quando prossegui estudos quer perante as adversidades da vida” (EA3).

A escola auxilia os alunos a aprender a estar, a ser, a conhecer e a agir. O estar é garantido pela integração do aluno na comunidade escolar, pelos seus pares, orientadores e demais agentes educativos. Os alunos e os orientadores educativos têm a tarefa de encontrar as estratégias necessárias

ao pleno desenvolvimento do trabalho, em planos de periodicidade e avaliação do trabalho realizado. Os materiais de trabalho e recursos educativos, objetivando uma efetiva aprendizagem dos alunos, exigem uma especificidade e diversidade, pois estes recursos educativos são capazes de auxiliar os alunos nas respostas adequadas na construção do conhecimento. O uso de um único manual, igual para todos é abolida na escola, assim como as respostas pré-estabelecidas, padronizadas. Os trabalhos propostos aos alunos usam a metodologia sob forma de projeto (NC, 26/02/2018).

Não existe um dia para avaliação, ela está integrada no processo de aprendizagem. O aluno diz quando se sente pronto para ser avaliado e, após isso, ele faz uma avaliação. Apesar do trabalho diferenciado, a escola precisa cumprir determinações do Ministério da Educação, portanto a avaliação em grupo que existe repete as diretrizes do ministério da Educação (NC, 09/03/2018):

“Que a avaliação vá ao encontro de cada um, o aluno se propõe a ser avaliado, registra no EU JÁ SEI, que é um dispositivo pedagógico, a escola possui mais de trinta dispositivos pedagógicos (CP).

2. Dinâmica do Trabalho

A dinâmica do trabalho reporta-se aquilo que visa promover a interação e facilitar a compreensão, não só do trabalho pedagógico da Escola da Ponte, mas também como ele acontece no dia a dia da escola e as suas incursões nos valores de autonomia, liberdade e solidariedade. Entender o projeto “Fazer a Ponte”, que face ao observado procura garantir uma política de direitos humanos, de proporcionar as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal a todos os alunos. Uma escola onde a solidariedade e participação responsável propicia relações positivas entre a escola e a comunidade. Neste âmbito, presenciei o questionamento de um orientador educativo a um aluno: 1) O que tu achas que podes fazer quando se tem um amigo que não quer fazer nada? Um aluno que está perdido no corredor? O aluno respondeu: Ajudar” (NC ,14/07/2018).

No horário do intervalo, conversava com alguns alunos, informalmente. Descobri que a escola é frequentada por vários alunos brasileiros, que vieram para Portugal para estudarem na Ponte. De entre estes alunos, conheci uma em especial, que ganhou vários prêmios de literatura infantil no Brasil. Em nenhum momento a escola deu prestígio a ela perante o grupo da escola. Os alunos destaques, mesmo que sejam na escola, não são evidenciados.

Tanto nos intervalos como nos horários de entrada e saída, a presença dos encarregados da educação é efetiva, em vários momentos eles estão presentes na escola. Confeccionando material para ser ofertado aos alunos, organizam-se em grupos para confeccionar saquinhos de tecido, para as crianças levarem seus pertences ou na eleição da Associação de pais, que neste ano de 2018 só havia uma lista. Não obstante a ausência de concorrência, houve grande participação dos encarregados da educação presentes na votação. O regulamento interno diz, que o Conselho de Direção é composto por 12 elementos, entre eles, três são Encarregados da Educação (Responsáveis), além do presidente da Direção da Associação de Pais, portanto a Direção da Escola da Ponte tem um presidente, que é um Encarregado da Educação (NC, 24/10/2018).

Não só com os orientadores Educativos a aprendizagem na cidadania acontece. Nas assembleias também se pratica a educação para a cidadania, a escola vislumbra uma educação democrática, como no exemplo anterior e o direito a falar, a emitir a sua opinião, a crítica, e este direito é respeitado, tanto nos espaços de trabalho, onde cada aluno pede a palavra levantando o dedo, como nas assembleias. Neste âmbito, vi um aluno, de 4 ou 5 anos, levantar o dedo para falar no meio de uma plenária lotada de crianças, questionando a hora do recreio - ele disse que eles não conseguiam usar a quadra para brincar, ele levantou o dedo e pediu a palavra e todos o deixaram falar. Em outro momento, um outro aluno também do jardim, ficou bastante tempo com o dedo levantado, mas ninguém lhe deu a palavra. A sua professora, teve o mesmo procedimento que seu aluno (levantou o dedo e pediu a palavra), e quando lhe foi concedida reclamou da falta de respeito para com o seu aluno. Todos acataram e a mesa pediu desculpas (NC, 26/10/2018).

Conforme referido no ponto relativo à organização do trabalho, às quartas feiras, os alunos sentam com os seus tutores, em grupos, dispostos no Espaços de Trabalho, e o tutor verifica os planos do seus tutorados. O plano quinzenal é feito de quinze em quinze dias, e o diário diariamente. Acompanhei em alguns dias o registro que os alunos fizeram, observando que primeiro os orientadores educacionais dispõem de mapas onde vão registrando os objetivos já trabalhados por cada estudante e medeiam o momento de elaboração do plano quinzenal. Com base no plano da quinzena, nascem os planos diários, que são organizados por cada estudante, no início da manhã e avaliados no final. À medida que cada um chega, pega seu fichário e elabora seu planejamento diário. O planejamento das atividades do dia em que realizam o planejamento quinzenal, fica na lousa, e é dividida por estes tópicos”: Este plano foi o que acompanhei no espaço de trabalho da Iniciação no dia 28/07/2018, no 2º do período).

Plano Diário- Reunir com o professor(a) tutor(a):

- 1º-Fechar a quinzena nº 1
- 2º- Abrir a quinzena nº 2
- 3º- Terminar e arquivar trabalhos.

Na quinzena seguinte estive no espaço do Núcleo da Iniciação para acompanhar a elaboração do plano quinzenal (NC, 11/10/2018):

Quinzena nº 02 de 11/10/2018 à 24/10/2018

- Q2- Reunir com a professora Tutora
- Q2- . Escolher grupo de responsabilidade
- Q2- Participar do processo eleitoral
- Q2- . Assinalar o dia mundial da alimentação. (16/10)
- Q2- Trabalhar a História (Disciplina) da quinzena.
- Q2- Participar da Criação do texto/ gramaticando (O ano todo)
- Q2- Tarefa: cada um escolhe a sua.
- Q2- Resolver o Guião de Matemática Experimental
- Q2- Tarefa

Q2- Resolver guião do Estudo do Meio

Q2- Participar nas Ciências Experimentais

Q2- Tarefa

Q2- Educação Física: Corrida e Jogos Recreativos (O que seria trabalhado)

Neste último núcleo, verifiquei que eram sete grupos com nove a dez alunos. Cada tutor tirou as dúvidas aos seus alunos, organiza os trabalhos para serem arquivados (por data e rubrica ao lado das atividades realizadas (se o aluno concluiu ou não) (NC, 11/10/2018).

Como chegava cedo na escola, vinha no comboio com os alunos (desde a estação de São Bento que havia entrada de alunos da escola), segundo relato da coordenadora, a escola atende menores infratores, sendo que estes alunos moram num abrigo, no Porto e são acompanhados por uma senhora até a estação de Vila das Aves. Na estação pegávamos uma carrinha até São Tomé de Negrelos. Portanto, nas visitas à escola sempre estava junto com alunos. Ao entrar na escola deparava-me com pais e orientadores educativos sentados numas mesas brancas, que ficavam na entrada, estes eram os tutores, conversando com os encarregados da educação (responsáveis).

Nos espaços de trabalho sempre encontrava os mesmos grupos no espaço de trabalho, mais tarde, descobri que aqueles grupos eram formados no início do ano, por um jogo, onde por trás dele tinha um objetivo pedagógico organizacional, conforme explicitação da Coordenadora Pedagógica:

“No início do ano, fazemos a instalação da escola, no início de setembro. A única coisa que está formada é o núcleo, do resto, a planificação, a formação dos grupos, as responsabilidades e por aí fora, instalam-se com os alunos. No caso dos grupos, nós em núcleo, fazemos três listas: uma colocamos quem precisa de muita ajuda, alunos que precisam de muita ajuda dos grupos, e colocamos uma série de nomes. Numa outra, alunos que são um bom motor de ajuda (naturalmente ajuda, elemento bom para aquele que tem bastante dificuldade) e depois temos aqueles do meio, que já ajudam, mas estão num nível intermédio de ajuda. Os alunos nunca têm conhecimento desta lista e nunca chega aos pais. A

partir daí fazemos umas dinâmicas, de cores, símbolos geométricos, flores, marca de automóveis - pegamos na lista e colocamos por exemplo: Triângulos, quadrados e círculos, um para cada grupo e distribuimos como jogo aqueles papéizinhos. Pedimos que formem grupos que tenham um símbolo de cada. Os alunos fazem isto no intervalo, e sem saberem formam grupos heterogêneos. Há aquele que não consegue entrar em grupo algum, alguns repetem. Aí falamos: tem grupos com dois círculos ou dois triângulos e gerimos com eles este jogo. Perguntamos a regra está certa? Há outra questão, a relacional, que o professor vai percebendo se há conflito entre o aluno do grupo. Os professores nos meses de setembro e outubro vão percebendo como acontecem as relações, quando há choques, o professor tenta mediar, tenta perceber através de questionamentos o que ocorre e tenta resolver, se não consegue, lança o desafio, Exemplo: quem é círculo (do grupão) e gostaria de trocar com o círculo daquele grupo? E assim, tenta-se resolver. (CP)

A avaliação é uma atividade inclusa no processo de aprendizagem. Presenciei no núcleo de Iniciação (2ª, 3ª e 4ª vez) uma aplicação de um teste. Diferente como seria de prever. Um programa de computador, o aluno tem que identificar os comandos, associados ao som emitido, para virar a folha. No final a professora recolhe e verifica os exercícios que cada um deixou em branco e também os exercícios que estão incorretos e pede que eles refaçam. Segundo a professora que aplicou o teste, ele não seria utilizado como avaliação, mas um exercício diferente, que seria corrigido e marcado o que estava incorreto, para que os alunos corrigissem, até que o mesmo estivesse integralmente certo (NC, 09/03/2018).

3. Práticas Pedagógicas em Educação Física

3.1. Professores de Educação Física

3.1.1. Do presente

Para os professores, uma boa prática nas aulas de Educação Física é a participação ativa dos alunos estes não fazem referência a uma atividade, nem a práticas específicas do seu dia a dia, mas sim à realização pelos alunos das atividades que eles propõem.

“O essencial para as práticas de Educação Física é os miúdos poderem exercitar-se, mexer-se, terem uma coordenação muito mais geral. Partilhar nos diferentes exercícios materiais, a Inter ajuda, o saber fazer e o saber ajudar, que é o fazer da Ponte” (PEF1).

De acordo coma informação prestada pelos docentes nos espaços de trabalho de Educação Física, a dinâmica é um pouco diferente, em relação às utilizadas nos espaços de trabalho das outras valências. Como as aulas são ministradas numa quadra coberta, dividida com a Escola São Tomé de Negrelos, com uma cortina corrida a separar os espaços, que podem ir até três quando mais de uma escola está presente. O piso é aquecido, com várias tabelas de Basquete móveis, marcações para as modalidades, Voleibol, Handebol, Basquetebol e Futsal. Como nem sempre os professores podem utilizar a quadra na totalidade, exige que os professores adaptem as suas aulas aos espaços disponíveis em cada dia. Outro aspeto que difere é que os subgrupos já existentes em cada núcleo, não são preservados no espaço de trabalho da Educação Física.

“Os subgrupos dos núcleos não são aproveitados nos espaços de trabalho de Educação Física, não tem nada a ver com os espaços de trabalho das outras disciplinas, uma coisa é a escrita e a leitura e a outra é a motora” (PEF1).

Segundo o contrato de autonomia os núcleos são divididos em: Pré, Iniciação (I1, I2 e I3), Consolidação (C1, C2) e o Aprofundamento (A1, A2 e A3)

nesta divisão, os núcleos sofrem subdivisões que estão descritas acima, por exemplo, a Iniciação tem três subgrupos, cada um destes subgrupos terá um horário de Educação Física e que é esta divisão atribuída aos grupos que irão para a aula de Educação Física, os subgrupos destes núcleos. Os alunos têm 110 minutos de aulas por semana. Os núcleos têm uma área de abrangência grande, portanto, com idades diferentes, quando estes grupos chegam à Educação Física, eles são agrupados de forma que os mais velhos, ou os que têm mais habilidade, ajudem os menores ou menos habilidosos. Mas, segundo afirmação dos professores, à medida que vão evoluindo os grupos sofrem mudanças: *“Mecanismos de diferenciação, estão em nível heterogêneo em diferentes modalidades. No início eu costumo colocar quem está no mesmo nível para ficar com estes alunos, para terem motivação e aprenderem a jogar melhor as várias modalidades e também para evoluírem e, com isso, nota-se, uma melhoria nos miúdos” (PEF2).*

“Nos núcleos o miúdo tem heterogeneidade, uns ajudam os outros, no que diz respeito às dificuldades motoras (PEF1).

“Procuro exercícios para alunos que estão em níveis diferentes” (PED2).

Foi também realçado pelos professores, que a escola tem uma matriz curricular nacional, que deve ser obedecida. Os conteúdos apresentados pelo currículo são ensinados de forma direta, através de jogos e brincadeiras. No início do ano os alunos escolhem as modalidades a serem trabalhadas, através de votação. Contudo, há interferência do professor na escolha, pois acontecem eventos vinculados a uma determinada modalidade, com data previamente estipulada, pelo que aquela modalidade precisa de ser trabalhada no período anterior à realização do evento. O período de planejamento das atividades feita pelo professor, dura quinze dias, está vinculado ao planejamento que é feito as quartas-feiras, na escola, podendo este trabalho ser alargado, caso haja necessidade. O plano de atividades da escola da Ponte contempla as corridas de Corta Mato e o torneio de Basquetebol, portanto estes conteúdos devem ser dados no período que antecede a estes eventos escolares. No mês de

maio, os alunos são avaliados pelo Ministério da Educação, em todas as disciplinas, inclusive a Educação Física.

“Na escola da Ponte existe um currículo com base Nacional a ser dado, é proporcionado nas aulas de Educação Física a liberdade de escolherem o que querem em cada período” (PEF2).

“Vamos ao encontro dos que os meninos querem fazer, a uma temática que querem abordar, e depois os orientadores educativos vão conduzir as atividades, que são seções de trabalho, que vão de encontro ao que os miúdos querem” (PEF1).

“Os leques de opções são dadas a partir do currículo e o que eles sugerem, no núcleo da Iniciação são trabalhados mais jogos de iniciação, visando o desporto, mas de forma mais lúdica. Aproveitam os jogos que os alunos trazem de casa. Ex. Caça polícia (PEF2).

“Normalmente, fazemos um torneio de Basquetebol no 1º período aqui na escola (ver anexo IV), portanto esta modalidade tem que ser dada no 1º período, e falamos isto para os alunos”. (PEF2).

“Como o planeamento das aulas é feito quinzenal, só trabalhar naquele período as atividades que os miúdos queiram, mas pode ser alargado.” (PEF1).

Além do desporto a Escola da Ponte trabalha outras componentes, nomeadamente noções de higiene, capacidades físicas e conhecimentos associados ao exercício, como os batimentos cardíacos e os gestos técnicos, dando relevância às questões terminológicas. Todos os professores referem obedecer a progressões e grau de complexidade, respeitando os níveis de ensino e as diferenças individuais.

“Trabalhamos o desporto, mas também a higiene, as capacidades físicas coordenativas e questões teóricas: as regras, os nomes dos gestos técnicos, os batimentos cardíacos, isto em todos os níveis de ensino, através de uma progressão. Na iniciação os gestos são mais simples e no aprofundamento os gestos são mais técnicos” (PEF2).

Os professores, no que diz respeito ao trabalho da autonomia, referem que é realizada desde o balneário, onde os alunos aprendem, desde cedo, a vestir-se para as aulas. Já durante as aulas quando um ajuda o outro - os mais velhos ajudam os menores e os mais habilidosos ajudam os menos habilidosos. Como os núcleos são constituídos por crianças de várias fases de ensino (A Iniciação: 1º, 2º,3º e 4º anos), eles afirmam que fica mais fácil trabalhar na diversidade.

“Os alunos quando em mecanismo de diferenciação, há muitos que não são autônomos, principalmente os pequenos na hora de se equiparem, em que a professora ajuda as meninas e um funcionário ajuda os meninos, isto no pré e 1ª vez, já a partir do 1º ano, começam a ser autônomos. Em Educação Física, na aula grande parte é autônomo, quem tem mais dificuldade, é uma questão de adaptação, os outros vão ajudando e nota-se uma evolução do 1º para o 3º período. Há um aluno que não tem autonomia, precisa de ajuda dos colegas e do orientador” (PEF2).

“Há autonomia quando existe interajuda entre eles. Os núcleos são compostos de vários níveis de aprendizagem, portanto os mais avançados ajudam os dos níveis mais baixos” (PEF1).

O planeamento na Educação Física também é realizado quinzenalmente:

“Quinzenalmente, há 4ª feira, o professor é solicitado acerca do que vai ser ensinado naquele período, ele relatou que trabalharia com os alunos,

Exercícios Coordenativos e Jogos - observação efetuada no núcleo da Iniciação” (NI: 10-10-2018).

Em relação a problemas indisciplinares, os professores relataram que dificilmente isto ocorre e quando acontece alguém falar uma palavra áspera, que ofenda o colega, logo de seguida pede desculpas.

A processo de avaliação, segundo os professores, é feito de forma direta, passando por dois processos. No início faz-se uma avaliação diagnóstica, para se detectar em que nível os alunos se encontram, para, a partir do que eles sabem, respeitando as diferenças individuais, o professor possa planear as suas aulas. No segundo momento, existe avaliação, formativa, quando já se passaram algumas semanas, que é feita num dia pré-definido, onde os alunos realizam os exercícios prescritos e são avaliados.

“No processo de avaliação é assim, no início faz-se uma avaliação diagnóstica para ver em que nível os alunos se encontram, uns melhores outros piores, preparo as aulas de acordo com a heterogeinidade, eles são avisados do dia da avaliação, que nunca é diferente do que eles fizeram nas aulas” (PEF2).

“A avaliação é direta, eles fazem exercícios e os professores avaliam o que eles realmente fazem. Ex: dar 10 saltos à corda “(PEF1.)

Segundo os professores, a escola tem alguns alunos com necessidades educativas especiais, para estes alunos as atividades são mais individuais, pois são crianças com muitas dificuldades. Assim, há uma preocupação acrescida, havendo aulas de psicomotricidade para as quais o professor fez um projeto (Anexo II), que foi aceite pelo Ministério da Educação. O trabalho é feito no grupo formado só por alunos especiais e quando estão nas aulas com os núcleos a que pertencem, dependendo da sua necessidade especial, são atendidos pelos auxiliares e fazem outras atividades.

“Os alunos com necessidades educativas especiais, com estes alunos as atividades são mais individuais, pois são miúdos com muitas dificuldades, há uma preocupação acrescida, a atividade é feita com o

orientador educativo e o aluno, isto na tentativa de os acompanhar e orientar, que é o ponto fulcral (PEF1).

Segundo o relato de um dos professores, as questões axiológicas trabalhadas nos espaços de trabalho da Educação Física que são priorizadas são; a ajuda aos colegas, o saber dividir, o saber agir e interagir, já o outro relatou que o principal é que haja respeito pelos colegas, orientadores e auxiliares e que realizem ou tentem realizar o que a professora pede nas aulas.

“Que estejam atentos, a explicação, que haja respeito pelos colegas, orientadores, pelos auxiliares, pelos colegas da outra escola, que ouçam aquilo que é pedido e tentem realizar aquilo que é pedido” (PEF2).

“Os valores que considero importantes é a partilha, a interajuda, o saber agir e o saber interagir, é o valor que a escola tem como principal preocupação e esse valor é feito a nível dos exercícios: 2 a 2; 3 a 3. (PEF2).

3.1.2. Do passado (ex-professores)

Conforme relato de um ex-professor, a Escola da Ponte quando funcionava em Vila das Aves, pelos anos de 2004 a 2012, tinha como espaço para as aulas de Educação Física um campo de futebol aberto, que ficava nos fundos da escola. Já quando chovia, era utilizado um espaço coberto entre duas salas e o refeitório. Neste período a escola dispunha de dois professores no quadro.

“Quando chovia, era um desafio, em Vila da Aves tinha um campo de futebol, que ficava dentro da escola. Nós tínhamos dois espaços para a Educação Física: a Toquinha, espaços entre os pavilhões. O outro era o refeitório, tirávamos as carteiras e depois punha no lugar” (EPEF)

O professor quando iniciou os seus trabalhos na Ponte, dava aulas como habitualmente dava. No decorrer desse ano, refletiu acerca de como poderia

modificar as suas práticas para atender às propostas pedagógicas da Ponte. Daí, a partir do seu segundo ano na escola, alterou as suas práticas em Educação Física. As modalidades eram escolhidas pelos alunos, e o professor elaborava os ficheiros (não queria que os alunos fossem buscar numa única fonte, como acontece nas outras escolas, nos manuais, pois é um dos princípios da Ponte, evitar o uso dos manuais), com os conteúdos a serem desenvolvidos em cada modalidade. Esses ficheiros eram feitos a partir de fontes como: manuais, enciclopédias, revistas, jornais, sites, para produzir o material que seria usado pelos alunos. Na verdade, estes ficheiros eram planos de aula, que também eram elaborados com os alunos, partiam de questionamentos que o professor fazia com eles a cerca do que se esperava aprender nas aulas de Educação Física. Os ficheiros ficavam disponíveis num armário destinado à Educação Física.

“Todos os núcleos tinham acesso a uns livros e ficheiros que ficavam nos espaços de trabalho” (EPEF).

“A internet era mais uma ferramenta, eu deixava sites, no ficheiro, dizia a eles que o o trabalho tinha que estar pronto meus amigos” (EPEF).

“Esta ficha de trabalho de Educação Física era como um plano de aula e foi desenvolvida com os alunos também: O que que vocês acham que para desenvolver uma prática de Educação Física é preciso que informação? Então estas fichas continham, nome da modalidade, material, tempo que vai ser, tipo de exercício, como vai dar o aquecimento, parte principal da aula. Nós como professores entregávamos isso de mão beijada. Neste caso eu desenvolvia o plano de aula com eles, com conteúdos básicos que eles tinham que saber, preencher aqueles ítems, eu como professor sei o que tenho que dar, mas estou a falar de crianças, vão chegar no dia lá, não vão esquecer, apresente-me o trabalho ou levam ou não os ficheiros, precisam colocar em prática. Geralmente os pequenos convinha ter o trabalho na mão, os outros diziam: Professor, nós sabemos, neste momento eu já não sou

professor, eu fico olhando aqui e ali, ajudando numa questão ou outra” (EPEF).

“Ao longo do ano eles iam escolhendo as atividades. No início eles escolhiam as modalidades, esta modalidade era desenvolvida num período de 2 a 3 semanas. Por exemplo, o Basquete era trabalhado nesse período, eu trabalhava e desenvolvia material pedagógico para evitar que eles fossem procurar nos manuais. Uma das coisas que queríamos na Ponte, era acabar com os manuais, por isso desenvolvi os ficheiros. Os manuais, a enciclopédia, é óbvio, que eram uma fonte de pesquisa para mim. Eu criava um ficheiro próprio para os grupos, adaptava-o aos grupos” (EPEF).

Fica evidente que o professor se preocupava em saber se os alunos tinham feito a pesquisa, que era a tarefa de preparação. O professor listava as atividades que seriam desenvolvidas no ano letivo, algumas tradicionais, apresentadas no currículo nacional, e também as que não apareciam no documento oficial. Os alunos nos seus grupos, escolhiam qual a modalidade que iam trabalhar nos períodos quinzenais. Como os conteúdos não eram determinados pelo professor, eles tinham a liberdade de definir o que gostariam de praticar, através dos ficheiros disponibilizados, podendo, por isso, acontecer que algumas vezes, na mesma aula poderia haver modalidades diferentes.

“Nos maiores, nos cinco grupos eu deixava que cada um escolhesse a sua modalidade, numa mesma aula, poderia ter até três modalidades, mas isso era uma questão minha, porque isto não é muito fácil de administrar” (EPEF)

“Eu me preocupava em acompanhá-los nesta pesquisa e na preparação do trabalho de Educação Física” (EPEF).

No que diz respeito às propostas de trabalho, a preocupação não era o núcleo a que os alunos pertenciam, mas sim a idade em que essas modalidades seriam desenvolvidas. Nas atividades que necessitavam de mais

destreza motora, nos documentos, propunha atividades adaptadas àquelas crianças.

“Não tinha a ver com os núcleos, mas sim com os derivados da idade, não só a idade, mas também a sua capacidade cognitiva de entendimento e preparação. Determinadas modalidades eram desenvolvidas, dinamizadas para determinadas idades, não significa que determinado aluno não poderia fazer um Basquete, porque era conteúdo de outro ano qualquer, só que era adaptado. Eu preparava ficheiros de pesquisa adaptados à sua compreensão.” (EPEF).

Como os grupos de trabalho eram heterogêneos, intergrando crianças de várias idades, uns ajudavam os outros. Os grupos eram os mesmos utilizados nos outros espaços de trabalho, portanto uma média de 4 a 5 alunos. Eles chegavam com as fichas de trabalhos, alguns não precisavam, já vinham com o que iam fazer na cabeça. Cada integrante do grupo tinha uma tarefa. O professor não dava aulas, eles é que davam aulas. Estas fichas eram preparadas com antecedência. Os outros professores, de outras valências, sabiam da necessidade dos alunos de fazerem a pesquisa, recorrer aos ficheiros, portanto precisariam de um momento para investigação e estes proporcionavam este tempo destinado a preparação das aulas de Educação Física.

“Cada grupo tinha crianças de várias idades. Era assim, os maiores ajudando os mais pequenos, ou os com mais facilidade ajudando quem tem mais dificuldade. Por exemplo: na 4ª feira era o grupo do João que ia dar o trabalho de Badminton: aquecimento, as técnicas de trabalho, entretanto ele já tinha feito uma pesquisa, não era o professor a dar aula, dizendo vamos fazer agora. São as crianças que tinham que preparar o trabalho, tinham que chegar mais cedo e buscar o material” (EPEF).

“Foi combinado com os colegas que os alunos poderiam ou não ter um momento de pesquisa para a parte de Educação Física” (EPEF).

As aulas aconteciam da seguinte forma. Um grupo ia dar aula, todos que estavam no espaço de trabalho, ajudavam, pegavam o material, com orientação dos alunos do grupo que ia dinamizar o trabalho. O professor só observava o trabalho dos alunos. Em núcleos mais avançados, como a Consolidação e Aprofundamento, acontecia até três aulas, no mesmo dia. Nos alunos menores era escolhida a modalidade, por não conhecerem muito ainda algumas, o professor fazia algumas interações que eles iriam trabalhar, mas nos maiores eles escolhiam.

“Na iniciação por exemplo, vinham cinco grupos, mas só um ia dar aula. Toda a gente ajudava pegando os materiais, com orientação daquele grupo. Eu sou professor, poderia dizer como fazer o exercício, direcionar, mas nesse caso eu saio do meu pedestal de professor e ele que vai dinamizar” (EPEF).

Para este ex-professor a autonomia acontecia nos momentos da escolha das modalidades que iam explicar aos colegas, bem como o fichero a ser usado, pois eles é que selecionavam tudo, o professor apenas auxiliava em eventuais dúvidas, e com os menores o auxílio era maior, precisavam de mais interferência do professor, mas eram eles que davam as aulas, o professor ajudava na preparação. Cabia ao professor preparar o fichero e deixá-lo no armário pré-definido, cabendo ao aluno decidir o que iria fazer, portanto liberdade de escolha da tarefa que cada um ia desempenhar no grupo, responsabilidade em apresentar no dia marcado, era entendido por ele como uma perspectiva de trabalho com autonomia.

“A autonomia era completa desde o momento desde o momento que eu preparo um fichero de trabalho e entrego na mão da criança, ou a disposição dela a responsabilidade ligada à Liberdade e Autonomia de preparem um trabalho, para ser desenvolvido por eles” (EPEF).

“Autonomia para mim é essencial. Eu saio do meu pedestal de professor. O espaço de trabalho funciona bem na Ponte, quando o

professor não está a frente do aluno, ele já fez o trabalho dele, o aluno vai a biblioteca e procura o que precisa, está com dificuldade vai a um amigo do lado, está com dificuldade de responder, vai ao grande grupo, o professor é o último a ser requisitado” (EPEF).

Na época, quando a escola funcionava em Vila das Aves, não havia casos de indisciplina. Quando acontecia algum desentendimento simples, o professor delegava aos alunos a resolução do problema.

“Não dava asas a isso, nem sequer me lembro de uma situação assim. Nunca aconteceu. Quando ocorria alguma confusão, eu dizia: resolvam já. Nós enquanto escola funcionávamos desta maneira (EPEF).

No que diz respeito a avaliação, não havia um dia estipulado, ela acontecia ao longo do processo de aprendizagem. Observa-se no aluno a capacidade de realizar o proposto nos objetivos da valência Educação Física e não o que ele não tinha conseguido ainda colocar em prática. Portanto, entendia-se a avaliação como um processo de aprendizagem.

“Não havia momentos desta avaliação, os alunos iam aprendendo, se ele não teve Basquete este ano, ele terá no próximo. Ele vai ter um processo de aprendizagem. O que ele era avaliado era no que ele consegue fazer e não no que ele não conseguiu. Se ele está na Ponte desde a 1ª vez até o 9º ano, vai ter um momento que ele vai despertar” (EPEF).

Na época, os conteúdos tratados nas aulas de Educação Física, eram diversificados, além dos desportos e suas manifestações, como os Jogos Olímpicos os temas transversais, como a Saúde e Bem-Estar que são assuntos ligados a hábitos de vida saudável: uso do tabaco, álcool, drogas, etc estavam presentes nas aulas de Educação Física. que como o Desporto, também tinha papel de destaque nos trabalhos de pesquisa e explanação aos grupos.

“Os Jogos Olímpicos também eram trabalhados, como também outras questões: fumo, álcool que eram trabalhados com outras disciplinas,

também trabalhado nas assembléias e nos espaços de trabalho. Tinham ficheiros com estes assuntos” (EPEF).

“Os temas de discussão propostos nos ficheiros, está num dos assuntos propostos na Saúde e Bem-Estar, e eu buscava outros assuntos. Eu deixava todo material preparado, o tabaco por exemplo. Quem quer falar sobre o assunto?” (EPEF).

3.2. Alunos

3.2.1. Do presente

Ao analisar as respostas dos alunos dos núcleos de Consolidação e de Aprofundamento, percebe-se a incidência das mesmas no que diz respeito à alegria que as práticas das aulas de Educação Física proporcionam. Onde o ato de fazer Desporto/ Atividade Física, bem como o trabalho em equipe e a liberdade de escolher o que querem fazer foi uma constância na opinião dos alunos.

“O trabalho em grupo equipe entre os colegas, que nos alegra muito.”
(AC)

“Eu gosto muito de fazer desporto, distrair” (AA)

“Fazer atividade Física, todos juntos” (AC)

“A liberdade de escolhermos o que queremos fazer, acaba fazendo com que as pessoas fiquem mais interessadas” (AA)

“Pessoalmente eu não sou muito fã de educação física, mas isso não torna a aula um momento ruim. O que mais me proporciona alegria na Educação Física é quando existe um trabalho de equipe entre os colegas e nos divertimos jogando” (AA).

Os alunos quando questionados sobre a importância da Educação Física, foram unânimes: A saúde foi enfatizada e também vários aspetos que envolvem este tema, como a prevenção do Sedentarismo, o desenvolvimento

do corpo, a melhoria da aptidão física. Também a presença da prática do desporto, a oportunidade de praticá-lo com gratuidade, estar junto com os colegas, estavam presentes nas respostas.

“Sairmos do sedentarismo, mesmo que seja por um pouco de tempo e por ser um momento de descontração com nossos colegas” (AA).

“Eu acho importante as aulas de Educação Física porque as pessoas que os pais não tenham dinheiro para colocar os filhos no futebol, praticar desporto, os alunos deveriam aproveitar estas aulas de Educação Física” (AC).

“Para desenvolvermos nosso corpo e termos um bocado a noção do que conseguimos fazer ou não, sabermos se gostamos ou não de um desporto, pedirmos aos nossos pais para entrarmos num desporto” (AC).

Os alunos relataram que veem seu desempenho nas aulas de Educação Física dividido em dois pilares, um é que ele se define como bom praticante das atividades propostas pelos professores e o outro o seu desempenho ligado à ajuda aos colegas que apresentam dificuldades em realizar alguma atividade. Não obstante este dualismo, as respostas estão mais centradas no bom desempenho em ajudar os colegas com dificuldades nas atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física na Escola da Ponte e alguns relataram que gostam também de liderar os grupos, ser o aluno que escolhe as equipas, ser o chefe do grupo.

“Não gosto de desempenhar o papel de liderança, só gosto de jogar”

“Quando um colega tem dificuldade, gosto de ajudar, o papel que gosto de desempenhar é ajudar e jogar o desporto” (AA).

“Eu acho que depende muito do desporto que vamos trabalhar, mas, por exemplo, acho que em certos jogos eu acabo um bocadinho a liderar” (AA).

Os alunos referem que, praticamente todas as aulas, trabalham em grupos pequenos ou maiores. Referem ainda que existem alguns alunos que por um motivo particular não conseguem realizar um movimento ou uma atividade, pelo que para eles o trabalho é individual. Referem ainda que, às vezes, no final da aula, os professores proporcionam um momento onde eles podem escolher as atividades que preferirem. Em síntese, habitualmente trabalham em grupo nas aulas de Educação Física, e estes grupos, muitas vezes, são escolhidos por eles ou sofrem interferência do professor, isto quando este percebe que uma equipe está mais forte que outra, ele faz mudanças no grupo, para evitar que seja sempre a mesma equipe a ganhar, por exemplo.

De uma forma geral, é a modalidade desportiva que define o tipo de trabalho que será feito, ou individual ou coletivo.

“Nós normalmente fazemos todos, as mesmas atividades, mas às vezes pode ter um aluno que possa adaptar o mesmo exercício para uma forma diferente, uma pequena adaptação. Exemplo: se tivermos que fazer um salto com pirueta e o aluno não consegue, faz somente o salto”. (AA).

“Na Educação Física escolhemos em conjunto o Desporto que queremos fazer, mas ao longo da EF todos fazem não se deixa ninguém à parte. No início da EF escolhemos uma atividade que queremos fazer e no final também, mas de resto fazemos tudo junto” (AC).

“Depende sempre, no momento estamos a dar ginástica, estamos a fazer a construção e desconstrução de figuras, se tivermos a dar futebol, fazemos exercícios individuais com a bola. Depende sempre do desporto (AA).

“Na Educação Física trabalham todos em grupo, não se deixa ninguém de parte. Nós no grupo grande fazemos grupos pequenos, vários grupos pequenos, tentando não deixar ninguém a parte, mas que não tem que

ser igual aos que trabalhamos normalmente”.(AC).

A relação que os alunos fizeram entre autonomia e sua contextualização nas aulas de Educação Física, foi que a autonomia é parcial, que existe apenas em alguns momentos das aulas, mas, particularmente, no final da aula.

“As aulas de Educação Física em si e os exercícios, são sempre propostos pelo professor. Mas nós que decidimos os esportes que vamos dar em cada um dos períodos. Mas o exercício em si é dado pelo professor, o aquecimento, às vezes no fim nós podemos escolher o que vamos fazer” (AA.)

“Durante as aulas nós temos bastante autonomia. No início do ano decidimos por uma votação a ordem de cada desporto que vamos trabalhar e, durante o ano, a professora nos deixa escolher os jogos de aquecimento” (AA).

Os alunos descreveram que os objetivos são relatados antes de começar a aula como também o que será ensinado naquele dia e caso aconteça uma avaliação, também são informados no momento inicial da aula.

“A professora no início da aula costuma falar o que vamos fazer durante a aula, qual o objetivo, se ao final faremos a avaliação daquele desporto. Costuma explicar.” (AC).

Os alunos referem que a ajuda mútua é uma prioridade entre eles. Está presente em todas as respostas dos alunos. Se percebem que um aluno apresenta dificuldades em alguma tarefa, eles sempre procuram ajudar, ou se ele próprio tem dúvida ou não consegue realizar um exercício proposto pelo professoro ou os gestos desportivos, pedem auxílio a um colega antes de se dirigir ao professor.

O professor tem duas formas de explicar, quando detecta que a dúvida é de apenas um aluno ele responde individualmente, mas se verificar que a dúvida é pertinente ao grupo, ele fala a todos.

“Procuramos sempre ajudar se reparamos que o colega tem

dificuldades, se não conseguimos ajudar, tentamos chamar a atenção do professor” (AA).

“Quando tenho dificuldade, tento pedir ajuda aos colegas, se eles não ajudarem, peço ajuda à professora.” (AA)

“A professora sempre que observar que estamos numa dificuldade, ela para aquilo que estamos a fazer e explica na frente de todos, para todos verem como se faz. Mas isso se for vários alunos. Se for um só aluno, ela diz pra ele como que se faz”. (AC)

Os alunos demonstraram pouca apreciação pelos Jogos competitivos ou por acharem que eles não favorecem a participação de todos ou por evidenciarem neste evento o incentivo a confusões e desentendimentos. Alegam que tal desapareço se deve aos colegas não saberem ganhar, nem perder. Entretanto outros acham que ele pode proporcionar uma competição saudável, ou incentivar a uma maior dedicação individual, para se obter a vitória.

“Jogo competitivo, para ser sincero, eu não gosto muito, dá a sensação, aquilo pra mim não é bem Educação Física. Porque normalmente na Educação Física fazem tudo junto, e jogos competitivos não se aprende nada com os outros.” (AC)

“Eu acho que os jogos competitivos são importantes para aprender a perder e ganhar.” (AC)

“Jogos Competitivos alguns levam demasiado a sério, todos tentam fazer o melhor. Eu não ligo em perder, mas alguns de meus colegas ficam muito chateados, principalmente no futsal.” (AC)

“A competitividade na Educação Física é bastante saudável, não sai daquele espaço, não vai para além do que seja aceitável. Normalmente

acontece no jogo de futebol, acontece poucas vezes”. (AA)

A prática avaliativa nas aulas de Educação Física foi exposta pelos educandos como uma autoavaliação. Neste processo, eles atribuem um valor quantitativo, de 0 a 5, no final dos períodos, dizendo o motivo pelo qual referem essa nota. Segundo eles, o valor por eles referenciado será levado em consideração, pelo professor no momento de avaliar.

“Nas avaliações a professora compõe certos exercícios. Quando a professora tem que nos atribuir uma nota no final do período a professora conversa sobre o trabalho individual de cada um e atribuímos uma nota e ela leva isso em consideração quando tem que nos dar as notas.”(AA)

“Quando estamos próximos ao fim do ano letivo a professora costuma perguntar que nota de 1 a 5 achamos que merecemos. É a única participação nos processos de avaliação individuais”. (AA).

3.2.2. Do passado (ex-aluno)

Para alguns ex alunos, as práticas de Educação Física não tiveram muita relevância, visto que era realizada noutro espaço, pelo que tinham que se deslocar, este era um aspecto negativo para os pais. Os alunos saíam da escola para irem a um outro espaço. Para os alunos, não era visto assim, eles até que gostavam, desta movimentação.

Já para outros alunos que conseguiam ter aulas de Educação Física na própria escola, o relato foi outro, apesar de alguns apresentarem pouca admiração pela disciplina, relatam ter aprendido nas aulas, modalidades que no decorrer se sua vida escolar, nunca mais contactaram. Associam a Educação Física a um momento de relaxamento.

“A aula de educação física nunca foi local das maiores aprendizagens, pelo menos para mim. Nos anos em que frequentei a escola da Ponte nem tínhamos um pavilhão, por vezes usávamos um ginásio próximo ou o pavilhão de uma escola secundária também nas proximidades para realizar as aulas. Claro que para o nosso país provavelmente esta

situação não seria a melhor, mas para nós, enquanto crianças não era um problema nem era o local onde retirávamos os maiores ensinamentos “(EXA).

“Nas aulas de Educação Física aprendi modalidades que nunca tinha experimentado. Para além de as praticar tinha de pesquisar sobre elas e aprendi muita coisa sobre alguns desportos. Lembro-me de ter adorado o tiro ao arco por exemplo. Nessas aulas era o aprender e ao mesmo tempo espaiar ao ar livre.” (EXA).

“A Educação Física, nunca foi a minha disciplina predileta, não era má, mas também não era fantástica, tive a disciplina na Ponte e no secundário. A verdade é que se nunca foi uma área que me despertasse muito no secundário tornou-se mesmo uma área de total desinteresse para mim. Depois de me ser permitido experienciar diversos desportos como tagrugby, softball, kinball, patinagem, parkour... chegar ao secundário e ver essa oportunidade reduzida a uns quatro desportos extremamente banais repetidos consecutivamente ao longo dos 3 anos desanimou-me mesmo muito. Nessa altura senti muito falta da Ponte, por me permitir conhecer mais do que o banal e por me permitir entender as especificidades do mesmo e ser eu a coordenar a prática. Se embora não sendo uma área cativante para mim, na Ponte acabava por ser sempre uma área que despoletava experiências positivas e variadas, no ensino dito "tradicional" essa experiência fica muito à quem do que poderia ser” (EXA).

3.3. O olhar da observadora

Ao iniciar as aulas, os alunos chegavam, trocavam suas roupas no balneário e dirigiam-se à quadra, ficando sentados num banco, aguardando a chegada de todos.

Observei nas práticas de aula dos alunos da Consolidação e Aprofundamento, a presença de contestes, grandes jogos, circuito, corrida em volta da quadra. Quando o espaço da quadra era totalmente usado a intensidade das atividades era maior. Nas atividades em que o espaço de aula era dividido, os trabalhos tinham uma intensidade menor, os grupos de trabalho eram menores. O núcleo Consolidação era dividido em dois grupos e estes grupos em subgrupos, que não eram os mesmos do espaço de trabalho, pois verifiquei a professora selecionou uns alunos para escolherem os seus times.

A atividade abaixo, foi realizada no núcleo da Consolidação e o espaço dividido com a outra escola:

1ª atividade: Corrida em volta da quadra

2ª Circuito:. Foram colocados quatro cones, no fundo do espaço, depois um arco, seguido de outro cone e no final um banco. Os alunos formaram grupos atrás do cone inicial. Ao sinal da professora eles corriam, davam uma volta no arco, saltavam o banco e voltavam, o próximo só saía, quando o colega chegasse.

3ª Corrida em volta da escola.

4ª.. Outro circuito, utilizando vários materiais. Observei que neste grupo existiam três alunos autistas. Estes alunos corriam, não realizavam as mesmas propostas que o restante do grupo. Em um determinado momento, um funcionário passou a acompanhá-lo, a dar voltas, caminhando pela quadra. (NC, 16/10/2018)

As atividades de cunho competitivo não foram feitas, o olhar para as atividades, que muitas vezes poderiam recair para esta vertente, era interpretado, com o viés meramente de participação.

Nas aulas do Aprofundamento, as atividades de circuito, em grupos menores, trio, também sob forma de concurso, nesta aula em específico foi trabalhado o futsal, drible, chute associado à força, vários exercícios em que o grau de complexidade foi aumentando. Neste dia notei, que havia uma aluna que ficava com o bambolê brincando, numa outra subdivisão da quadra. Ela não participava de nenhuma das propostas do grupo Esta aluna possuía um problema no coração. (NC, 11/10/2018)

Como o aprofundamento atende a jovens dos 7º, 8º e 9º anos, reparei que as diferenças etárias eram sentidas no esporte de contato, pois a força e a agilidade dos alunos maiores, gera agressões despropositadas ocasionadas pelas situações de jogo. *Numa outra aula, em que a atividade era um conteste, um aluno infringiu as regras de convivência, pelo que orientador educativo lhe disse que ele não poderia agir assim.* (NC:08- 11-2018)

Na Iniciação foi visível que as dinâmicas eram um pouco diferentes. Os trabalhos foram iniciados com a explicação do que iam trabalhar O que estava proposto no plano Quinzenal, que naquela semana, seria Corrida e Jogos recreativos. Os alunos escolhiam seus pares:

1ª Corrida em volta da quadra.

2ª Corrida em volta da quadra, com a execução de movimentos, que foram aumentando gradativamente ao sinal de palmas.

3ª Trabalho com drible de bolas de borracha e de condução com bola de futebol. Cada local da quadra era determinado para uma atividade, citada acima. Ao sinal de trocar, eles iam para outro local e realizavam a tarefa pré-estabelecida para aquele lugar.

4ª Trabalho só com bola de futebol em dupla, para todos.

5ª Com a Bola de Borracha - conduzir a bola com a mão, depois com o pé, jogar para cima sentar, levantar e segurar a bola etc. (NC- 16/10/2018).

V. Discussão

1. As dinâmicas e as práticas pedagógicas

O projeto pedagógico da Ponte é verdadeiramente aplicado à realidade. Tudo aquilo que observa na escola está contemplado no seu projeto, que parte de uma base axiológica: autonomia, solidariedade, responsabilidade e democracia, que é visível nas dinâmicas e práticas pedagógicas na escola. Esta percepção espelha o que Alves (2012, p. 17) refere acerca da ambiência na escola da Ponte “À medida (...) que o observador procura ver e compreender o que se passa ali, ele acaba percebendo sentido em tudo, a tal lógica singular de observação e funcionamento da Escola da Ponte. E percebe que a filosofia subjacente ao projeto pedagógico daquela comunidade é extraordinariamente simples e coerente”. Esta visão também vem de encontro ao que o projeto pedagógico enuncia:” A intencionalidade educativa do Projeto impregna coerentemente as práticas organizacionais e relacionais da Escola, que refletirão também os valores matriciais que inspiram e orientam o Projeto, a saber, os valores da autonomia, solidariedade, responsabilidade e democraticidade” (Fazer a Ponte, p. 2)⁹. Pode considerar-se que é um projeto “vivo”, onde tudo o que se vê está escrito no Fazer a Ponte. Uma práxis verdadeira.

Quando cheguei à escola, pela primeira vez, fiquei impressionada com o silêncio, não imaginava que estavam a estudar ali 200 alunos. A Ponte é singular, não pode ser tratada como uma escola pública qualquer, o seu projeto não existe apenas no papel, ela é aquilo que Paulo Freire chama de encarnação da teoria (entendendo teoria como o projeto Fazer a Ponte), “(...) o meu discurso sobre Teoria, deve ser exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação (...)” (Freire, 2000, p.53).

Outra característica visível na Ponte é a presença de mecanismos de diferenciação assumidos pela escola, muito diferente de tudo aquilo a que estamos habituados a associar à organização de uma escola. Na Ponte tudo tem outro sentido. Parece estranho que na escola não haja aulas, nem turmas,

⁹ <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/PE.pdf>

nem testes marcados pelos professores, num determinado dia, para avaliar os alunos, nem tão pouco avaliação numérica, só qualitativa - os professores tutores preenchem relatórios individuais dos seus tutorados. Nesta escola também não há uso de manuais únicos para todos os alunos, nem toques de campainha, e a presença de apenas um professor nos espaços de trabalho, como estamos acostumados a ver, lá não existe, sempre há dois ou três, e há dias que são cinco. Portanto uma escola distinta, em que as necessidades e ritmos de cada aluno são a prioridade.

O mais encantador nesta escola é o direito à fala. Nos debates diários, os alunos ouvem-se uns aos outros em silêncio, partilhando as suas inquietudes. Diferente das escolas tradicionais, todos têm o direito à palavra, o seu conhecimento é respeitado, bem como a sua história de vida que é muito importante e valorizada. O advogado por Freire (2000, p.66) “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros”, acontece na escola da Ponte-

Ensinar na cidadania e democracia é a realidade verificada nas dinâmicas que habitam a escola, desde as participações nos dispositivos, que são vários, como estudar em grupos, onde um ajuda o outro, os que sabem mais ajudam os que menos sabem. Assim, concordamos com Freinet (1975, p. 63) quando refere que na escola da Ponte” contrariamente à prática da escola tradicional, não se proíbe de modo algum à criança que peça ajuda de um aluno mais velho, de uma irmã mais velha ou do professor”. Esta realidade era visível no preenchimento de questionários - se sentiam dificuldades a primeira pessoa que procuravam eram os colegas do lado -, nas Assembléias, quando questionavam os projetos e os problemas da escola, quando realizam o processo eleitoral no início do ano (Ver anexo I): fazem as listas, elaboram, discutem, divulgam, montam todo processo eleitoral e participam da campanha. Nas palavras de Alves (2012, p. 16), é uma prática democrática de viver a cidadania no “chão da escola”, de forma solidária, amigável e carinhosa. De facto, os alunos são ensinados, desde cedo, a terem comprometimento e responsabilidades, no sentido de os preparar para o exercício pleno na cidadania.

Os alunos não precisam ser lembrados das tarefas diárias, do plano diário o que têm a fazer, nem do semanal. Estar na Ponte é ver, a cada dia,

práticas pedagógicas de autonomia acontecendo – os alunos levantam-se e vão ao computador, para buscar sanar as dúvidas, buscam nos vários livros disponíveis, para responderem às suas questões colocadas. A criança é vista como um ser autônomo e que tem a capacidade de escolher, sob orientação do professor e de acordo com os seus próprios interesses, as atividades que vão ser desenvolvidas (Freinet, 1975). Na ponte os professores não são transmissores de conhecimentos, estes medeiam o conhecimento dos alunos. O aluno é o centro, o mais importante, ele diz o que vai aprender, ele busca o conhecimento, ele diz quando pode ser avaliado, através do dispositivo *Eu Já sei*, que é um dos dispositivos que sinaliza o crescimento individual dos alunos. Portanto, este Projeto revolucionário na educação é entendido por Alves (2012, p. 18) [...] “o que acontece na Ponte significa uma verdadeira revolução “copernicana” no modo como os professores se posicionam diante dos alunos e os alunos diante dos professores e uns e outros diante do currículo”.

Em cada pergunta feita pelos alunos havia um questionamento, de forma a que este refletisse e respondesse Na Ponte não há respostas prontas, vi os alunos indagarem a uma professora e não foi dada uma resposta direta, mas sim transformada a pergunta feita ao professor e dirigida para o aluno. Esta estratégia pedagógica vai de encontro ao que Freire (2000, p. 153) refere “Viver a abertura respeitosa aos e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria abertura ao outro objeto da reflexão crítica, deveria fazer parte da aventura do docente”. Observou-se que as regras de convivência na escola: pedir a palavra, não ter sinal para entrar e sair, ajudar o colega, cumprir com seu papel nos dispositivos, entre outros, eram apreendidos pelos alunos, eles sabiam o porquê, entendiam a sua funcionalidade e importância do seu papel; eles sabiam o motivo que os levava a agir daquela maneira, pelo que cumpriam e compreendiam as regras. As regras não eram impostas e eles queriam cumpri-las. Este processo vai de encontro ao veiculado por Freire (2000, p. 43) “o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador” [...]. Freinet (1975) dá seu contributo, quando diz que a criança é vista também como um ser racional capaz desde muito cedo, opinar e fazer críticas sobre fatos ou assuntos que lhe são expostos. Dessa forma, é

dado à criança o direito e a oportunidade de raciocinar sobre aquilo que lhe é proposto, passando, assim, a ser mais significativo.

2. Impasses....

Desde a criação do projeto Fazer a Ponte até hoje, muita coisa mudou. A escola não tem autonomia de escolher os seus professores, precisa de apresentar notas quantitativas dos alunos, coisa que ela não adota e os alunos são avaliados externamente pelo Ministério da Educação. A escola precisa ter turmas, mas a opção é trabalhar com os alunos em grupos e núcleos. Portanto para esta escola caminhar autonomamente não é fácil, pois precisa fazer adaptações para cumprir as exigências do Ministério da Educação – por exemplo no preenchimento de plataformas que exigem informação que a Ponte não tem, como as turmas, o titular de turma – tornado o processo muito difícil. A escola faz adaptações para cumprir o exigido nas plataformas. [...] “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção” [...]. (Freire, 2000, p. 52).

Além da Ponte passar por inspeções, ser obrigada a participar das provas externas, ter que se submeter a uma avaliação que não faz parte do seu projeto - “O percurso de aprendizagem do aluno, a avaliação do seu trabalho, assim como os documentos mais relevantes por ele realizados, constarão do processo individual do aluno. Este documento tentará evidenciar a evolução do aluno nas diversas dimensões do seu percurso escolar.” (Fazer a Ponte, p. 6) ¹⁰-, procura ir dando resposta ao exigido

A escola tem como base o currículo nacional, mas vai além deste currículo, pois cada criança tem um projeto pessoal de aprendizagem, tornando o currículo mais aberto e flexível. “Um currículo flexível, com altas doses de optatividade, ou seja, que reconheça e fomente a possibilidade de múltiplos e dignos caminhos, é um desafio profissional para o professor de primeira ordem: atender de maneira personalizada a cada aluno.” Sacristán (2015, p. 108).

A Coordenadora Pedagógica referiu inúmeras dificuldades que hoje a escola enfrenta, para conseguir que o projeto continue existindo, mas, apesar

¹⁰ <http://www.escoladaponte.pt/novo/wp-content/uploads/2016/11/PE.pdf>

disso, refere que estes impasses não impedem que a escola ainda trabalhe na essência do projeto inicial. Quem visita a escola, não vê muito isto, porque aquela escola está inserida num contexto histórico e político pedagógico, onde todos que ali estão, acreditam neste trabalho único, comprometido com um quadro de valores humanistas e com princípios focados na inclusão, autonomia, práticas solidárias e promotoras da interação.

3. Autonomia sinônimo de Motivação...

O aluno tem participação ativa na escola através de todos os dispositivos pedagógicos que a escola possui e também do seu projeto individual de construção do saber com autonomia, que é um elemento fundamental de motivação, que foi verificada nos momentos de observação. Os alunos não ficavam soltos, sem ter o que fazer, andando pelos espaços; todas as atividades estavam inseridas numa proposta individual, dinamizada e mediada pelo professor, onde o aluno é responsável por procurar o conhecimento.

O ato de descobrir sozinho, ter autonomia é algo fundamental, tal como Ferraz (2018, p.8) refere “A autonomia diz respeito à percepção da origem do comportamento do próprio indivíduo. Isto é, a origem do comportamento parte dele mesmo. Comportamentos autônomos distinguem-se por serem do interesse do próprio e de acordo com os seus valores. Com autonomia, os indivíduos adotam um comportamento que é uma expressão deles próprios, mesmo que as ações sejam influenciadas por fatores externos”. Acresce que, a autonomia é central à motivação. Portanto, fica claro que a autonomia que a escola proporciona faz com que os alunos se sintam motivados a cumprir as tarefas, a construir o seu conhecimento, gostando, verdadeiramente, de estar naquele espaço escolar.

Constatee nas observações que os alunos não ficavam soltos, andando sem destino pelos espaços, todos trabalhavam (como diziam os orientadores educativos) e todas as atividades estão inseridas numa proposta particular, levando os alunos a sentir-se empenhados e motivados em fazer as suas tarefas. Quando tinham tarefas propostas pelos professores, como a leitura para todos, de trecho de livro, eles participavam, questionavam a história lida

pelos colegas, envolvendo uma abordagem dos objetivos, motivos e crenças, resultando num processo complexo de ensino e aprendizagem. Neste entendimento, Freinet (1975, p. 58) refere que “não se deve permitir que os alunos conheçam o malogro, o professor deve preocupar-se que sejam bem-sucedidos, ajudando-os, se for preciso, através de uma generosa participação, pois se os alunos se sentirem orgulhosos das suas obras, serão capazes de ir muito longe”.

4. O Fazer a Ponte e suas implicações nas aulas de Educação Física

Nas aulas de Educação Física os princípios axiológicos do projeto da Ponte estão presentes no que diz respeito à autonomia, por exemplo na escolha das modalidades desportivas no início do ano letivo e também no saber vestir-se sozinho/a no balneário, onde gradativamente os alunos iam vencendo as dificuldades. Também quando era permitido no final das aulas praticarem atividades de livre escolha. Estas foram as respostas que obtive à questão da autonomia nas aulas de Educação Física, tanto dos alunos como dos professores. Tal concepção de autonomia é veiculada por (Kamii, 1995) quando diz, que autonomia é a capacidade de ser governado por si próprio e tomar decisões na convivência sócio-cultural tendo em consideração o respeito à coletividade. Portanto, nestes momentos o trabalho de autonomia acontece nas aulas de Educação Física. Pois, segundo Kamii (1995), o indivíduo passa a analisar criticamente os fatos, estabelecendo relações de discussões e tendendo para a tomada de decisão consciente. Portanto, o aluno tem nestas propostas das aulas de Educação Física um trabalho voltado para a prática da autonomia.

No entanto, o trabalho de interajuda, partilha e saber ajudar foi referido como sendo momentos de autonomia e de exercício dos valores de solidariedade estabelecidos no projeto: “Na sua dupla dimensão individual e social, o percurso educativo de cada aluno supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e o relacionamento solidário com os outros.” (Fazer a Ponte, p. 3).

O uso da autonomia na aplicabilidade dos conteúdos nas aulas de Educação Física não estavam presentes. Na realidade, as aulas eram bem

semelhantes às das outras escolas. Além do compromisso com a autonomia, de forma parcial e da solidariedade, foi possível constatar que nos momentos em que os alunos escolhem as equipes, a figura do professor assume um caráter de democratização, que Freire (2000, p.132) explica: “Ao contrário, o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala”.

Já as questões do incentivo à responsabilização de cada um nas aulas não foi observado. Já os mecanismos de diferenciação também não foram identificados nas práticas pedagógicas em Educação Física.

As propostas de aulas que o ex-professor de Educação Física relatou, bem como alguns ex-alunos, parecem enquadrar-se no Projeto Fazer a Ponte. A intenção do professor de trazer para as suas aulas as práticas presentes nos espaços de trabalho, como a pesquisa, a escolha dos temas, a utilização dos mesmos grupos construídos a priori, espelham esta relação com o projeto. A apropriação deste projeto por este professor, foi ousada, necessária e articulada de maneira a não deixar a Educação Física a mercê da escola. Pode considerar-se que o projeto levado a cabo, no passado, por este professor procurou ir além e trabalhar em consonância com o projeto fazer a Ponte, dando visibilidade ao que Cortesão, Leite e Pacheco, (2002, p.27) referem acerca do que é um projeto “O projeto está na charneira entre o desejo de se lançar na aventura e a própria realização dessa aventura, entre o querer e o fazer”.

VI. Considerações Finais

A presente pesquisa visou investigar as práticas pedagógicas da Escola da Ponte, designadamente os mecanismos de diferenciação, bem como as práticas de responsabilização e de autonomia dos alunos no currículo em geral e da área da Educação Física. Os dados revelaram que em termos da estrutura organizativa da Escola da Ponte, desde o espaço, ao tempo e ao modo de fazer, concorre para a integração dos alunos, visando a sua participação, em conjunto com os orientadores educativos, no funcionamento e organização de toda a escola, no planeamento das atividades, bem como na sua aprendizagem e na avaliação.

Os orientadores reúnem-se com os alunos para planearem o que vão fazer com toda a escola e sozinhos, o que se traduz na construção de um documento (plano da quinzena), a partir do qual cada uma traça diariamente as suas tarefas (Plano do Dia). Isto implica uma maior participação, autonomia e responsabilização de todos os envolvidos na planificação das aprendizagens e na vida social de toda a escola também presente nos dispositivos que suportam e organizam todo o currículo, não só nacional, mas também os que são o alicerce axiológico da Ponte. No dispositivo “Preciso de ajuda”, o aluno relata que precisa de ajuda, pelo que receberá ajuda - primeiro dos colegas e caso não consiga ultrapassar a dificuldade o grupo assume a ajuda, se mesmo assim não obtém sucesso, é o professor o último elo da cadeia. Portanto, o princípio da solidariedade, está presente e é vivida no dia a dia da escola - nos debates, nas Assembléias da escola e nos grupos de responsabilidade. Na dinâmica da escola é visível uma prática democrática – na assembléia os alunos dirigem uma mesa, com deliberações e discussões acerca dos problemas individuais e coletivos dos alunos, isto é, efetivamente, reconhecer que o aluno é o mais importante na escola. Aqui o professor não pode interferir em nenhuma questão, pode, tal como os alunos, pedir a palavra, fazer questionamentos, mas as decisões são dos alunos, não tendo direito a

votar para a eleição das listas. O professor é um espectador, assiste ao processo democrático construído pelos alunos. Uma verdadeira aula de democracia dada no auditório pelos alunos.

No desenvolvimento da autonomia, especificamente nas aulas de Educação Física, considerando que a autonomia é parte integrante do currículo da Ponte, logo devendo ser, um conteúdo a ser tratado também nas aulas de Educação Física. Encontrei divergências na interpretação do que é a autonomia, entre os alunos e professores, à partir do pressuposto e tratamento do conteúdo em três dimensões: Conceitual, Procedimental e Atitudinal (Darido e Rangel, 2005).

Para os alunos a autonomia nas aulas de Educação Física acontecem às vezes. E para os professores é uma prática presente nas aulas de Educação Física, conforme síntese presente no Quadro 1

Quadro 1 – Perspetivas dos alunos e professores acerca da Autonomia nas aulas de Educação Física

Dimensão/Visão	Alunos	Professores
Conceitual (relacionado com o saber)	*Realizar tarefas sem a intervenção do professor. Sozinhos	*Interajuda, *Saber vestir-se
Procedimental (relacionado ao saber fazer).	*Optar pelas modalidades desportivas (sequência) que serão lecionadas durante o ano. *Escolher uma atividade para fazer no final da aula (às vezes) *Dar sugestão de uma atividade para o aquecimento (às vezes) * Selecionar os grupos para jogar.	*Saber fazer as propostas de aulas. *Saber ajudar os colegas.
Atitudinal (relativo ao ser, estar)	*Fazer propostas de atividades. *Formar os grupos para as atividades (não escolher só os mais fortes, precisa haver equilíbrio).	*Ajudar na separação dos materiais, ajudar, a pegar, a arrumar na quadra. *Ajudar o colega quando o mesmo não consegue realizar uma tarefa.

Os dados patentes no Quadro 1 verifica-se que a percepção dos alunos sobre autonomia é a participação das atividades que vão ser desenvolvidas de acordo com o seu próprio interesse nas atividades, tal perspectiva está vislumbrada no Fazer a Ponte. Já para o professor, são as suas propostas nas aulas, que visam a cooperação, enfrentar desafios de convivência, ter atitudes autônomas através do respeito, da cooperação, do diálogo e dos questionamentos professor-aluno e, sobretudo, aluno-aluno e tomar decisões.

Os valores de solidariedade estão presentes nas aulas, através dos procedimentos pedagógicos que o professor precisa ter para favorecer aos alunos oportunidades de tomar decisões e enfrentar desafios de convivência, de cooperação, de respeito e de diálogo. Sendo assim a solidariedade está inclusa, segundo a literatura, no exercício da autonomia. A democracia está presente em todas as aulas, o aluno interage, fazendo perguntas, dando sugestões (propostas de atividades no aquecimento) e o direito à palavra é garantido. Nenhuma prática de aula diferenciada foi verificada no que diz respeito aos valores de democracia e responsabilidade, pois nem nos inquéritos, nem nas observações das aulas, foram mencionados ou evidenciadas proposta referentes a estes princípios.

Na entrevista feita com o ex-professor, um dos responsáveis pela disciplina em Vila das Aves (na época a escola dispunha de dois professores no quadro, segundo relato do professor e da coordenadora pedagógica) e também a ex-alunos, foi que as dinâmicas das aulas contemplavam as propostas contidas no projeto Fazer a Ponte. Foi notório que partiu da iniciativa individual deste professor, agregar a Educação Física ao Projeto da escola. Todas as propostas levavam à descoberta coletiva dos grupos, que eram os mesmos do espaço de trabalho, portanto a Educação Física estava integrada com as práticas pedagógicas das outras valências. Para além dos conteúdos da Educação Física, os valores prescritos no projeto Fazer a Ponte, eram trabalhados por este professor nas aulas de Educação Física. A responsabilidade era favorecida à medida que os alunos apresentassem nos seus pequenos grupos, no dia marcado, a pesquisa realizada a partir dos documentos fornecidos e pesquisado. A democracia existia porque todos os integrantes do grupo tinham direito a discutir, a dar as suas opiniões, a justificar, perante

ao grupo, qual a modalidade escolhida para apresentarem ao seu núcleo. Assim, os valores prescritos no projeto fazer a Ponte eram contemplados nas aulas de Educação Física. A solidariedade também estava presente, pois além do apoio do professor em auxiliar, eles recorriam aos colegas, no sentido de ajustar algumas das propostas dos ficheiros. A autonomia era total, não era o professor que definia o que iriam aprender, eles escolhiam as modalidades. Uma coisa bastante interessante que encontrei numa resposta de uma ex-aluna foi que a disciplina não era focada no “quarteto fantástico” (Futebol, Voleibol, Basquetebol e Handebol), era oportunizado o aprendizado de modalidades desconhecidas.

Por último, importa referir que as dificuldades criadas pelo Ministério da Educação, a partir do Contrato de Autonomia de 2013, criou muitos impasses na escola, designadamente relativos aos requisitos presentes nas plataformas que a escola precisa cumprir (mencione-se a título de exemplo, a estrutura de turma, que não existe na ponte). A Escola da Ponte não possui autonomia para trabalhar com a sua singularidade, precisa cumprir protocolos, tendo que flexibilizar o seu projeto à exigência do Ministério da Educação. Este contexto aporta algumas dificuldades em gerir, na sua plenitude, o projeto. Na Educação Física, por exemplo, o espaço das aulas é dividido com outra escola, os professores não podem dispor de um ambiente próprio para desenvolver as suas práticas pedagógicas, a outra é a perda de autonomia da escola em escolher seu quadro de professores. Antes de 2013, a escola tinha autonomia para isso. Uma escola diferenciada, não pode trabalhar com professores que não estejam engajados no seu projeto, precisam apropriar-se dos seus valores e estarem completamente inseridos no projeto da escola.

VII – Bibliografia

- Alves, Rubens. *A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Editora Papirus, 2012
- Bardin, Laurence (2008) *Análise de Conteúdo*. Edições 70 – Lisboa
- Blázquez, D.S. (1995) *La Iniciación Deportiva*. Barcelona: INDE
- Cortês, Leite e Pacheco, L., C., JA (2002) trabalhar por projetos em Educação- Uma Inovação Interessante? Porto Editora
- Darido, S.C. (2003) *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Darido, S. C., & Rangel, I. C. A. (2005). *Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 65. Volume 1
- Dooley, L. M. (2002). *Case Study Research and Theory Building*. *Advances in Developing Human Resources* (4), 335-354.
- Ferraz, P. A. P. S. A. (2018). *Regulação motivacional e satisfação de necessidades psicológicas básicas em praticantes de Crossfit*. Porto: P. Ferraz. Dissertação de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Atividade Física e Saúde, apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Ferreira, H. B. (2009) *Pedagogia do Esporte: Identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino vivência e aprendizagem da modalidade basquetebol*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Freire, E.S., & Oliveira, J.G.M. (2004) *Educação física no ensino fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal*. Motriz, Rio Claro, v.10, n.3, p.140-151.
- Freire, Paulo (2000). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, editora Paz e Terra, 15ª Edição.
- Freinet, C, (1975), *As Técnicas de Freinet da Escola Moderna*, Editorial Estampa, 2ª Edição.

- Galatti, L. R., et. al. (2008) *Pedagogia do esporte: Procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos*. Revista Conexões, Campinas, v. 6, n. especial.
- Galatti, L., Paes, R., & Darido, S. (2010). *Pedagogia do Esporte: Livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos*. Motriz. Revista de Educação Física. UNESP
- Gómez, A.I.P. (2015) *A Educação na era digital*, Porto Alegre: Penso.
- Hoffman, Jussara. (2009) *Avaliação Mediadora; Uma Prática da Construção da Pré-escola a Universidade*. Porto Alegre: Mediação
- Honaiser, S.B.m.B. (2016), *A escola da Ponte como espaço da formação para autonomia*. Monografia de conclusão do curso de pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Hora, E.R. (2011). *Educação na cidadania: uma análise da experiência da Escola da Ponte, em Santo Tirso, Portugal*. 44 f. Monografia. Universidade do Estado da Bahia. Salvador.
- Kamll, C. (1995) *A criança e o número*. 7ª Ed. – Campinas: Papyrus, p. 81.
- Libâneo, J.C. (1985). *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola
- Luckesi, C.C. (2008) *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*, 19ª ed., São Paulo, Cortez.
- Malhotra, Naresh. (2001) *Pesquisa em marketing: uma orientação aplicada*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Mancini, M., Amaral, J. F., & Mourão, L. (2014). *A Educação física na escola da ponte: Organização e intervenção do trabalho pedagógico*. Coleção Pesquisa em Educação Física, vol. 13, n.3, P.07-16.
- Manzini, E. J. (1990/1991) *A entrevista na pesquisa social*. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158.
- Morais, P.M. (2017). *Voltemos à escola*, 1ª ed. Editora Contraponto, Lisboa, Portugal

- Nóvoa, A. (1999). *Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas*. In: Educação e Pesquisa, n.1, v.25, 11-20.
- Oliveira, H. Z. (2019). *Clima motivacional criado pelo treinador: Um estudo com jovens atletas portugueses e brasileiros de desportos coletivos*. Tese de Doutorado em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
- Pacheco, José (2014) *Crônicas Educação / José Pacheco; organizador Samuel Ramos Lago*. — Curitiba: Nossa Cultura, P116., Pacheco, José, Pacheco, Maria de Fátima, Escola da ponte, uma escola pública em debate. São Paulo, Cortez, 2015.
- Paes, R. R. (1996) *Educação Física Escolar: o Esporte como conteúdo pedagógico no Ensino Fundamental*. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Pereira, Luísa, Ana. *Investigação Qualitativa no Desporto, para uma pesquisa no Terreno em Ciências do Desporto*. Volume 1, página 99 a 105.
- Piaget, J. (1994) *O Juízo Moral na criança*. São Paulo: Summus, p. 23
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2003) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3ª Editora Gradiva, Lisboa
- Resende, H.G. (1995). *Necessidades da educação motora na escola*. In: DE MARCO, A (org). Pensando a Educação Motora (Coleção Corpo & Motricidade). Campinas.
- Rosa, C.S.R.S. (2008). *Fazer a ponte a escola de todos(as)*, Tese de doutorado, Universidade Federal do RGN, Natal
- Sacristán, J. & Gómez, A.I.P. (1998) *compreender e transformar o ensino*, ArtMed, Porto Alegre
- Santana, W. (2006). *A pedagogia do Esporte na infância e complexidade*. In: PAES, R. e BALBINO, H.: A Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, P:2. Referências.
- Scaglia, A. J.; Reverdito, R. S. (2009): *Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão*. São Paulo: Phorte.

- Silva, A.V.M., & Pacheco, J. (2011). *Escola da Ponte: Vila das Aves– Portugal*. Editora Rovellet. 1. Ed.
- Vasconcellos, C.S. (2006). *Reflexões sobre a Escola da Ponte*. Revista de Educação AEC. n. 141, out.-dez.
- Yin, R. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed.

Anexos

ANEXO I

REGIMENTO DA COMISSÃO ELEITORAL

Constituição da Comissão

2 alunos do núcleo de iniciação

3 alunos do núcleo de consolidação

3 alunos do aprofundamento

No início do ano os alunos voluntariam-se para construir a comissão eleitoral, que irá organizar e coordenar todo processo eleitoral.

Horário do Processo Eleitoral

As reuniões da Comissão Eleitoral ocorrem sempre que necessário em espaço disponível.

Atas

Elaborar em atas \ registros (escritos, visuais e áudios) , memorandos de todo processo eleitoral.

Formação das listas*

As listas são formadas por 10 alunos, 5 rapazes e 5 raparigas, com no mínimo 1 aluno por núcleo. Todos os que se candidatam, devem estar conscientes das suas responsabilidades, não podendo desistir a meio do processo eleitoral. Os elementos da comissão eleitoral, não podem integrar nenhuma lista.

Campanha Eleitoral

Durante a Campanha Eleitoral, as listas não podem aceitar patrocínios. Os alunos não podem trazer material já construído de casa. Os materiais para campanha serão construídos na escola, devendo usar o máximo possível de material reciclado.

Funções da Comissão Eleitoral

Fazer o debate de abertura do Processo Eleitoral.

Verificar se as listas são formadas de acordo com as condições previamente estipuladas pela Comissão Eleitoral.

Sensibilizar e aconselhar as listas para a criação de promessas que sejam possíveis de realizar e que tenham em vista, o melhoramento da escola.

Afixar as promessas das listas. Reunir com as listas, para definir o material a utilizar na Campanha Eleitoral e criar um calendário.

Definir as regras da campanha eleitoral e criar um calendário. Verificar se as listas agem corretamente durante toda campanha, respeitando as diferentes opiniões e as vontades de cada um.

ANEXO II

- Plano Interventivo para alunos com necessidades especiais

Plano Interventivo

Fazer a diferença, sem diferença

A Motricidade Global aplicada nos alunos de Educação Especial

*“Você não pode mudar o vento, mas pode ajustar as velas do barco para chegar onde quer”
Confúcio*

INTRODUÇÃO

Entende-se que a **Psicomotricidade** é a ciência que tem como objeto de estudo o indivíduo através do seu corpo em movimento, estando, sem dúvida, relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas, isto é, envolve o movimento, o intelecto e o afeto.

A Motricidade Global envolve grandes movimentos realizados com o corpo. Estes movimentos para serem bem-sucedidos dependem de coordenação motora, precisão, ritmo, agilidade, fluidez, postura e um bom tônus muscular. Quando não estimulada pode levar a dificuldades em subir e descer escadas, saltos, corrida. Além de medo, insegurança e baixa autoestima.

Para dar resposta à necessidade e aos inúmeros constrangimentos que a Escola vive, nomeadamente: onde e como se enquadram estes alunos nas atividades de Educação Física, quem pode trabalhar com eles, como e quando podemos trabalhar com eles, quais os materiais didáticos, espaços físicos e,...

Partindo desta concepção entendemos que há necessidade de oferecer às crianças, um espaço de trabalho, que contemple as suas especiais necessidades, permitindo que esta ajuda, contribua para o desenvolvimento pleno do ser humano, minimizando os reais problemas motores, físicos e psicológicos e contribua para uma vida social sorridente.

As atividades psicomotoras facilitam a progressão, o desenvolvimento, a evolução e a destreza de todos sem exceção. Com os alunos com necessidades educativas especiais é necessário que os profissionais envolvidos, possam ter “liberdade” de executar as tarefas para cada caso e “orientem” todos os membros da comunidade escolar (pais, orientadores educativos, assistentes operacionais e alunos) para as vantagens de estimulá-los através da motricidade global. A motricidade global é e será o caminho do futuro.

O trabalho semanal será sempre árduo, cansativo, com altos e baixos de motivação, mas sempre com a convicção que estamos a oferecer meios que melhorem a sua problemática, a sua postura corporal, física e atitudinal, proporcionar aos alunos uma vida saudável, de ânimo para todos os seus, que permita ter uma integração segura e adequada ao desenvolvimento do corpo, mente e espírito.

A **Escola da Ponte** espelha o seu trabalho pela igualdade de oportunidades, pelo sentido de partilha, de ajuda e de bem-estar social. Proporciona e promove meios para que cada aluno seja entendido na sua especificidade como único e irrepetível, proporcionando condições educativas e sociais para que vençam as suas dificuldades, superem as suas fragilidades, tornando-se mais livres e responsáveis para aprenderem e viverem felizes. Assim, o ritmo de cada um enriquece a diversidade de aprendizagens, levando a cada um de nós uma educação que busca o desenvolvimento global do educando.

As Atividades de Motricidade Global e as suas contribuições no processo de aprendizagens dos alunos portadores de Necessidades educativas Especiais

De acordo com Barros e Barros (2005, p. 34) “a psicomotricidade é vista como ação educativa integrada e fundamentada na comunicação, na linguagem e nos movimentos naturais conscientes e espontâneos. Tem como finalidade normalizar e aperfeiçoar a conduta global do ser humano”. Ao trabalhar com educandos considera-se o ritmo próprio de cada um em seu processo de crescimento e desenvolvimento humano.

Quando se fala da criança, é do conhecimento de todos, que elas são: ativas, ágeis, alegres, curiosas e naturalmente dispostas a descobrir. É direito de todas frequentarem a escola, inclusive, as portadoras de necessidades especiais, visto que, ao integrar a escola, a criança tem a possibilidade de se socializar, melhorar a sua autoestima e consegue também realizar progressos na sua aprendizagem.

Todos os orientadores educativos têm o dever de enriquecer a sua formação, com estratégias de incluir o aluno, de motivá-lo, de o alertar para as suas atitudes, que podem ser alteradas, de o “conduzir” a ver o melhor caminho e ao mesmo tempo, despertar neste a descoberta de suas potencialidades, capacidades, habilidades e sua autonomia, sabendo que é o motor indispensável ao desenvolvimento global e uniforme da criança.

O desenvolvimento do esquema corporal, lateralidade, estruturação espacial, orientação temporal, coordenação óculo manual e coordenação óculo pedal são fundamentais na aprendizagem. Um problema num destes elementos irá prejudicar uma boa aprendizagem e progressão, daí, a importância do orientador educativo ser conhecedor das contribuições da psicomotricidade/motricidade global, e, a educação especial ajuda a desenvolver inúmeras habilidades na criança, permitindo a livre expressão, ações independentes e a socialização.

Segundo Fonseca (1988, p.12), “a psicomotricidade constitui uma abordagem multidisciplinar do corpo e da motricidade humana”. Seu objetivo é o humano total em suas relações com o corpo, sejam elas integradoras, emocionais, simbólicas ou cognitivas, propondo-se desenvolver faculdades expressivas do sujeito.

Apesar de a psicomotricidade necessitar ser desenvolvida e trabalhada por todos, exigindo somente conhecimento, ela é uma importante atribuição da área da Educação Física, pelas suas possibilidades de desenvolver a dimensão psicomotora dos alunos, principalmente em portadores de necessidades especiais, conjuntamente com os domínios cognitivos e sociais.

Cabe destacar que pessoas consideradas PNE's são aquelas que apresentam uma situação física ou psíquica diferenciada dos ditos “normais”. Negrine (1995, p 58)

CONSIDERAÇÕES

Segundo o enquadramento legal para a Educação Especial (decreto-lei 3/2008), este, tem como objetivo promover a igualdade de oportunidades e a melhoria da qualidade do ensino, valorizando uma escola democrática e inclusiva, orientada para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens. Assim, as Escolas terão que oferecer aos alunos com Necessidades educativas Especiais de caráter permanente o apoio de que eles necessitam para acompanhar as atividades curriculares. (quadro I)

Como resposta a estas dificuldades surge a motricidade global que ajuda a criança a reestruturar as funções motoras, emocionais, comportamentais e cognitivas que possam estar comprometidas e que se refletem através da inadequada expressão corporal e da ineficaz comunicação não-verbal.

Através do trabalho com o corpo, o professor desenvolve as mais diversas atividades (quadro II), na sua maioria com carácter lúdico, cujo objetivo é ajudar a criança a desenvolver estratégias cognitivas e comportamentais com o intuito de fomentar a ideia de “pensar antes de fazer” e ainda “será que fiz como pensei?”

A Escola Básica da Ponte é uma escola verdadeiramente inclusiva, na qual todos os alunos são considerados especiais e únicos. Assim, cada vez mais esta escola é procurada pelos Encarregados de Educação de crianças com Necessidades Educativas Especiais e, por este facto, existe um número elevado de alunos com estas problemáticas, que urge dar resposta cada vez mais específicas.

Ao longo de 2 anos, a Escola Básica da Ponte, tem beneficiado de um docente, colocado por mobilidade por doença e que termina no final do ano letivo, 31 de agosto. Ao longo deste tempo, o docente conseguiu implementar, desenvolver e conduzir atividades/tarefas específicas e diversificadas que vão de encontro ao problema de cada aluno e de todos em geral, a saber: andar, correr, contornar, rastejar, equilibrar, subir, descer, rodar, lançar, pontapear, driblar ou, saltar no jump, saltar à corda, saltar diferentes obstáculos ou, realizar pequenos jogos, jogos reduzidos (2 a 2) e movimentos gímnicos de fácil aprendizagem e progressão.

A progressão, o empenho, o interesse diário, as melhorias físicas, motoras, e sociais, entusiasmaram e alegraram todos os membros da comunidade educativa, principalmente alunos, pais dos alunos, todos os docentes, assistentes operacionais e Associação de Pais, que louvaram a estratégia utilizada.

O Plano

As aulas de Motricidade Global continuarão a ser baseadas em atividades lúdicas, cujo objetivo é interagir com as crianças, para que possam crescer de forma mais equilibrada, pois pretende-se desenvolver as suas capacidades motoras, emocionais, cognitivas e sociais e equipá-las para o eficaz acompanhamento das atividades curriculares. Por outras palavras usa-se o jogo para que a criança conheça melhor o seu corpo, os seus limites e mais importante, aquilo que é capaz de fazer. (quadro III)

O clube de Desporto Escolar irá apresentar o projeto de adesão para o próximo ano letivo, com desporto adaptado, onde será desenvolvido um trabalho que está intrínseco ao desporto escolar adaptado, nomeadamente; encontros interescolas/agrupamentos, do qual já fazem parte muitas escolas do distrito, a atividade interna do desporto escolar (atividades do plano anual da escola) e as atividades realizadas pela Câmara Municipal de Santo Tirso. Os encontros do Desporto Escolar adaptado são algo de notável, imprescindível, tendo em conta a vertente social, afetiva e motora.

Respeitante às atividades de **Motricidade Global** e do **clube do Desporto Escolar**, o objetivo primordial será acolher todos os nossos alunos, dos diferentes Núcleos, com treinos e tarefas semanais.

Este Plano Interventivo, só faz sentido se podermos debelar e minimizar os enormes constrangimentos que estes alunos enfrentam no seu quotidiano e daí, a necessidade de mobilizar os diversos intervenientes da comunidade educativa.

Assim, os diálogos foram estabelecidos e, em **parceria**, já **acordada** com o senhor Presidente da Junta de Freguesia de São Tomé de Negrelos, Roberto Carlos Neto Figueiredo, iremos fazer um levantamento das crianças que irão usufruir destas atividades semanais, organizar e planificar os horários de acordo com os dias e horas estabelecidas, para que os alunos com Necessidades Educativas Especiais reforcem a sua participação na escola inclusiva.

A Associação de Pais e o Conselho de Direção, enaltecem e louvaram o Plano Interventivo, prontificando-se de imediato a colaborar em toda a parte logística que necessitasse: transportes, lanches, equipamentos, assim como, reuniões com os Encarregados de Educação, representantes da comunidade educativa e outros,...

O **protocolo** estabelecido e **vinculado** com a Direção do Lar da Tranquilidade/Centro de Lazer de Vila das Aves, para a frequência dos nossos alunos na piscina. Este Centro oferece condições físicas excelentes, a saber: parque de estacionamento privado, rampa de acesso ao interior e espaço de passeio até aos balneários adaptados e cadeira elevatória à piscina.

Este plano será implementado pelo professor de Educação Física, com as diretrizes do Conselho de Gestão da Escola da Ponte, em articulação com os docentes da Educação Especial e todos os intervenientes da Comunidade Educativa vinculada ao Plano Interventivo.

É uma proposta aberta, que a todo o tempo pode ser redirecionado e reformulado de forma a ir de encontro às necessidades do momento: alterações às atividades, novas propostas, solicitações, avaliação menos positivas das estratégias implementadas e possíveis problemas emergentes.

5

OBJETIVOS/FINALIDADES

Os objetivos que regem todas as atividades que serão exploradas no Plano Interventivo, centram-se na aquisição de competências específicas da psicomotricidade, na promoção do trabalho de grupo, no cumprimento de regras, na realização de atividades de forma autónoma,

responsável, promovendo, em simultâneo, o respeito por toda a comunidade educativa e o desenvolvimento da autoestima, dado que desenvolvem as competências essenciais em grupos restritos e em função das suas limitações, o que facilita o sucesso das atividades desenvolvida.

Por outro, com os objetivos/ conteúdos das atividades pretende-se:

- Garantir a adequação da prática desportiva escolar sistemática aos alunos da Educação Especial;
- Promover aos alunos da Educação Especial soluções técnicas, didáticas, metodológicas e outras, que melhor se adaptem às necessidades desses alunos, tendo em vista a sucessiva melhoria quantitativa e qualitativa de ações futuras;
- Prever e facilitar ações futuras de dinamização desportiva que possibilitem uma oferta diversificada nos alunos da Educação Especial, como meio de cativar novos alunos;
- Oferecer a todos os alunos da Educação Especial, uma prática desportiva adequada às suas capacidades;
- Estimular a imaginação e a criatividade das crianças da Educação Especial, dando-lhes a oportunidade de manifestar as suas próprias potencialidades, desenvolvendo, simultaneamente as suas faculdades sensoriais.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA

As atividades práticas na **Motricidade Global**, dirigidas pelo orientador educativo, da valência de Educação Física, será sempre em articulação com os docentes da Educação Especial, para um grupo de alunos, dos diferentes Núcleos e anos. Este Plano Interventivo requer uma intervenção personalizada e orientada para o desenvolvimento de competências diversificadas ao nível da **psicomotricidade**. (quadro I e II)

ÁREAS de INTERVENÇÃO

Coordenação Geral-Possibilidade do controle e da capacidade muscular para a realização de movimentos.Exemplos: correr, saltar, andar, rastejar, etc.

Estruturação Espacial - É a orientação e a estrutura do mundo exterior, a partir do Eu e o depois. A relação com outros objetos ou pessoas em posição estática ou em movimento. É a consciência da relação do corpo com o meio.

Organização Temporal - É a capacidade de avaliar tempo dentro da ação. Organizar-se a partir do próprio ritmo, é avaliar o movimento no tempo, distinguir o rápido do lento e saber situar o momento do tempo em relação aos outros.

Estruturação Corporal - Relacionamento do individuo com o mundo exterior, conhecimento e controle do próprio corpo e de suas partes, adaptação do mesmo ao meio ambiente.

Imagem Corporal -A experiência do individuo em relação ao próprio corpo, impressão subjetiva.

Conhecimento Corporal -Conhecimento intelectual que se tem do próprio corpo.

Lateralidade - Representa a consciência interiorizada dos dois lados do corpo; lado esquerdo e lado direito. Esta consciência pressupõe a noção de direita e esquerda e, sendo que a lateralidade com mais força, precisão, preferência, velocidade e coordenação, melhora a capacidade e domínio cerebral.

7

PLANIFICAÇÃO/RECURSOS (quadro I)

Data	Ao longo do ano letivo
Competências	<ul style="list-style-type: none"> - Promover atitudes de inclusão perante a diferença; - Promover o exercício físico por eleição; - Promover atividades para os alunos da Educação Especial; - Promover a aceitação de regras; - Contribuir para a união e cooperação entre todos os alunos; - Sensibilizar a comunidade escolar para a importância da motricidade global.
Atividades/ Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades lúdicas e recreativas visando o desenvolvimento da psicomotricidade; - Criar atividade com pequenos grupos de trabalhos, com alunos com e sem NEE`S. - Atividades motoras no espaço de trabalho (pavilhão),meio aquático e outros.
Recursos	<p>Humanos: - Alunos;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Orientadores Educativos; - Assistentes Operacionais; <p>Materiais: Bolas; Arcos; Colchões; Espaldares; Jumps; bancos suecos, cordas, cones, bolas fitness, balizas e tabelas de basquetebol.</p>
Horário	<ul style="list-style-type: none"> - Sessões de 50min - Natação (uma vez por mês durante a fase de adaptação e integração ao meio aquático. Na fase de consolidação e destreza passaríamos a frequentar duas vezes por mês). - Sessões de 90 +90 min. - Pavilhão - Desporto Escolar Adaptado- 1h15min.+ 1h15min. (semanalmente) - Pavilhão <p>Obs: 4 grupos de 5 alunos</p>
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade; - Participação/empenho; - Diálogo; - Reflexão semanal nas reuniões de núcleo. - Síntese descritiva nominal (final de cada período).

Obs: O professor interveniente neste plano de intervenção, irá exercer estas funções, de acordo com as diretrizes do Conselho de Gestão, das suas horas de estabelecimento, da disponibilidade do pavilhão e do horário dos alunos da Educação Especial.

As horas do clube de Desporto Escolar adaptado será analisado numa outra vertente.

8

Sessões de Motricidade Global (quadro II)

Equilíbrio	-Estático e dinâmico.
Coordenação Geral	- Coordenação óculo manual. - Coordenação óculo pedal.
Esquema corporal	-Conhecimento do próprio corpo e do corpo do outro. -Noções específicas do próprio corpo e de outros. - Coordenação; gestual e imitação.
Lateralidade	- Identificação da direita/esquerda. -Reconhecimento da direita/esquerda.
Estruturação espaço-temporal	-Noções espaciais e temporais. -Estruturação rítmica.
Perceção visual e auditiva	-Identificação de ruídos e sons. -Esquerda/direita/alto/baixo
Socialização	-Interação entre pares.

Motricidade Global (quadro III)

Unidades das atividades a desenvolver		Material Didático
1 ^a	Avaliação e Organização da valência	Comunicação
2 ^a	Jogos: perícia; manipulação;	Cordas, Bolas e Arcos de várias dimensões, Cones de Sinalização com Barras, Raquetas, Banco Sueco

	deslocamentos; estafetas e equilíbrios	
3 ^a	Jogos: simples de ataque e defesa; cooperação e competição	Cordas, Bolas e Arcos de várias dimensões, Cones de Sinalização com Barras, Raquetas e Banco Sueco
4 ^a	Ginástica	Colchões, Banco Sueco, Trampolim Sueco, Mini-Trampolim e Jump
5 ^a	Piscina	Pranchas, objetos lúdicos (bolas, animais, peixes), “chouriços” de diferentes espessuras
6 ^a	Música Atividades Rítmicas Expressivas	Leitor de DVD e CD
7 ^a	Percursos da Natureza (Pré-iniciação/iniciação à Orientação)	Planta da escola e locais previamente assinalados

Motricidade Global (síntese descritiva no final de cada período):

A avaliação do desempenho do aluno é descrita no documento implementado/definido pela escola, através dos itens: projetos/atividades, tarefas, trabalho desenvolvido (valências), atitudes e competências e indicações futuras. A síntese descritiva aborda: assiduidade, empenho, comportamento, interesse na prática desportiva/performance e aspetos corporais a melhorar.

Concordância Educativa

Esta intervenção pedagógica, moral, social e de bem-estar, só faz sentido tendo como meta o Projeto Educativo “Fazer a Ponte”, o sentido de cidadania, de partilha, interajuda, do envolvimento da associação de Pais e Encarregados de Educação, dos diferentes representantes da Comunidade Educativa e da abertura a outras Instituições.

Esta Concordância Educativa tem como único objetivo, o trabalho diário, para o bem-estar físico, psicológico e social dos nossos alunos.

O caminho é a significação do que se passa na escola.

Bem-haja.

III Anexos

Autorização do Ministério ao Inquérito

Exmo(a)s.Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0637600001, com a designação *Interesse em realizar Estudo de Mestrado*, registado em 21-01-2019, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a) Senhor(a) SILVIA CRISTINA DA SILVA NOGUEIRA

Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

José Vitor Pedroso

Diretor-Geral

DGE

Observações:

a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização da Direção do Agrupamento de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo (Escola da Ponte - Escola Básica Integrada de Aves/São Tomé de Negrelos) . Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, porque onerosos e sensíveis, devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções dos Agrupamentos.

b) Informa-se que a DGE não é competente para autorizar a realização de intervenções educativas/desenvolvimento de projetos e atividades/programas de intervenção/formação em meio escolar dadas as competências da Escola/Agrupamento, nos domínios da organização pedagógica, da organização curricular, da gestão estratégica, entre outras. Os órgãos de gestão pedagógica e educativa, (a Direção, o Conselho Pedagógico e o Conselho Geral) melhor

decidirão sobre a realização dos inquéritos e suas inerentes ações em contexto de sala de aula.

c) Deve considerar-se o disposto legal em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados. Considerados os documentos que foram anexados e os dados que serão recolhidos, para efeitos da proteção de dados a recolher junto dos inquiridos e em cumprimento da legislação em vigor, resultam obrigações que o responsável se propõe cumprir. Destas deve dar conhecimento a todos os inquiridos e a quem intervenha na recolha e tratamento de dados pessoais. É obrigatório recolher as declarações de consentimento informado e esclarecido a utilizar junto dos inquiridos, devendo conter: objetivos e finalidades do estudo, tipologia dos dados do inquérito, exercício do direito de acesso, retificação, atualização e apagamento dos dados pessoais, da existência ou não de comunicações ou interconexões de dados, qual o prazo de conservação dos dados, salvaguardando as condições de segurança dos dados recolhidos para objeto de tratamento. Mais deverão ser presentes com os inquéritos para recolha do prévio consentimento dos inquiridos (sua anuência/concordância com o que lhe é efetivamente proposto responder).As autorizações assinadas devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado.

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

ANEXO III

Escola da Ponte

1 de abril às 19:55 ·

Breves da Ponte XXIII: hoje, da parte da tarde, muitos dos nossos alunos participaram em atividades relacionadas com o basquetebol, incluindo torneiros 3x3.

Uma boa oportunidade para conviver, competir de forma saudável, melhorar a sua condição física e desenvolver a sua técnica nesta modalidade.

Figuras

Figura I - Escola da Ponte em Vila das Aves



Figura II - Campo de futebol da Escola em Vila das Aves

